

Rita de Cássia Gonçalves

**BIOGRAFIA, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: UM ESTUDO A
PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE EDSON NERY DA
FONSECA**

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Escola de Ciência da Informação – ECI

Dezembro de 2020

Rita de Cássia Gonçalves

**BIOGRAFIA, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: UM ESTUDO A
PARTIR DA AUTOBIOGRAFIA DE EDSON NERY DA
FONSECA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Nascimento Da Silveira

Belo Horizonte

2020

G635b

Gonçalves, Rita de Cássia

Biografia, informação e memória [recurso eletrônico]: um estudo a partir da autobiografia de Edson Nery da Fonseca / Rita de Cássia Gonçalves. - 2020.

1 recurso eletrônico (86 f. : il.) pdf.

Orientador: Fabrício José Nascimento da Silveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 79-86.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da Informação – Teses. 2. Biografia – Teses. 3. Fontes de informação - Teses. 4. Autobiografia – Teses. 5.

Biblioteconomia – Teses. I. Título. II. Silveira, Fabrício José Nascimento da. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 92:025.5

Ficha catalográfica: Maianna Giselle de Paula CRB:2642 Biblioteca Prof^a Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG.



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA RITA DE CÁSSIA GONÇALVES

Realizou-se, no dia 15 de dezembro de 2020, às 14:00 horas, por videoconferência, a defesa de dissertação, intitulada *Biografia, informação e memória: um estudo a partir da autobiografia de Edson Nery da Fonseca*, apresentada por RITA DE CÁSSIA GONÇALVES, número de registro 2017661524, graduada no curso de BIBLIOTECONOMIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Fabrício José Nascimento da Silveira - Orientador (ECI/UFMG), Profa. Alcenir Soares dos Reis (ECI/UFMG), Profa. Maria da Conceição Carvalho (ECI/UFMG), Profa. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza (ECI/UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2020.

Prof. Fabrício José Nascimento da Silveira (Orientador) (Doutor)

Prof(a). Alcenir Soares dos Reis (Doutora)

Prof(a). Maria da Conceição Carvalho (Doutora)

TEREZINHA DE FATIMA CARVALHO DE SOUZA:26224712700
Assinado de forma digital por TEREZINHA DE FATIMA CARVALHO DE SOUZA:26224712700
Dados: 2021.01.11 11:18:59 -03'00'
Prof(a). Terezinha de Fátima Carvalho de Souza (Doutora)

DEDICATÓRIA

Dedico o meu trabalho:

Aos meus pais, Wanderilo Taveira Gonçalves e Aparecida Alves Gonçalves, in memoriam, pela simplicidade de suas vidas perenes de outrora e que hoje habitam o
Tempo da Alma.

Ao Fabrício (meu orientador competente e compassivo), às professoras Alcenir Soares dos Reis, Maria da Conceição Carvalho e Terezinha de Fátima Carvalho de Souza pelos aprendizados.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por me permitir alcançar algumas realizações em minha história. Entre os erros, aprendizados e acertos, muita saudade permanece. Obrigada por ter colocado em meu caminho a minha família, os amigos (e são muitos) - pessoas generosas que tanto me ajudaram a perseverar e a atravessar o maior deserto de minha vida. Deus, quando me faltou o fôlego eis que a Sua Palavra me fortaleceu e prevalece!

À Professora Maria da Conceição Carvalho, pelo carinho, competência, incentivo e por ter sido a primeira pessoa a acreditar em meu interesse por pesquisar um assunto que conhece tão bem.

À Professora Alcenir Soares, pelo apreço às biografias, integridade, competência e boas conversas em nossas aulas sobre o assunto.

À Professora Terezinha de Fátima Carvalho de Souza, sempre carinhosa e prestativa nos ensinando sobre as fontes de informação.

Ao Professor Carlos Alberto Ávila Araújo (Casal), por suas aulas, aprendizados e acolhimento ao trabalho de pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho, Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis e Profa. Dra. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza, experientes profissionais na arte da memória e da informação, pessoas queridas que muito contribuíram para a concretização da minha pesquisa.

Às secretárias do PPGCI/UFMG, agradeço o contato e a cordialidade, especialmente à Carolina Palhares, a Carol.

Ao Fabricio Silveira, meu orientador, pela paciência, competência, profissionalismo e dedicação tão importantes. Sem o seu apoio, bem sei que não chegaria neste momento. Você foi um professor muito respeitoso e, hoje, mais que orientador é o mestre e bom amigo, parte integrante da minha existência.

Agradeço muitíssimo ao Felipe Antonio, meu sobrinho, que por muitas vezes carreguei no colo, acompanhei os seus primeiros passos, que hoje cresceu e me auxilia com os seus conhecimentos técnicos, o interesse nas biografias, leituras e bom ouvinte.

Aos professores do curso, pela dedicação, competência, indicações de leituras, apoio e por todo conhecimento compartilhado ao longo do curso. A todos os colegas um abraço e à Andreza meu obrigado pelo apoio!

Agradeço, também, a todos que colaboraram para que eu pudesse chegar até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar o gênero biografia em sua dupla função: fonte de informação e documento de memória. Amparada em revisão bibliográfica inscrita em perspectivas multidisciplinares, buscou apreender as especificidades do gênero biográfico e caracterizar as produções dele derivadas, notadamente as biografias e autobiografias, tanto como fonte de informação quanto como recurso social de produção e disseminação de memórias individuais e informações históricas. Nesse sentido, adotou como objeto de análise a autobiografia de Edson Nery da Fonseca visando-se resgatar elementos de sua vida pessoal, profissional e as contribuições político-intelectuais sancionadas por ele ao campo da Biblioteconomia brasileira. Em termos metodológicos, a análise se deu por meio da apreensão hermenêutica do relato autobiográfico de Edson Nery da Fonseca, conjugada ao trabalho interpretativo de sua biografia intelectual. Instituída como primeiro plano de ação, a leitura hermenêutica nos propiciou compreender, a partir do objeto de análise em questão, os principais elementos que dão forma àquilo que Philippe Lejeune definiu como *Pacto autobiográfico*, ao qual se somou, por meio das indagações formuladas em torno da biografia intelectual de Edson Nery da Fonseca elementos reveladores de sua atuação nos campos da cultura e da Biblioteconomia nacional, seja como teórico, seja como agente político. Como resultado, a pesquisa realizada depreendeu os atributos de referencialidade e amplitude concernentes às autobiografias e biografias como fontes de informação e de memórias. De maneira análoga, a autobiografia de Edson Nery da Fonseca mostrou-se um testemunho significativo para a história da Biblioteconomia Brasileira.

Palavras-chave: Biografia; Autobiografia; Fontes de informação; Memória; Edson Nery da Fonseca; Biblioteconomia brasileira.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the biography genre in its dual function: source of information and memory document. Supported by a bibliographic review inscribed in multidisciplinary perspectives, it sought to apprehend the specifics of the biographical genre and characterize the productions derived from it, notably the biographies and autobiographies, both as a source of information and as a social resource for the production and dissemination of individual memories and historical information. In this sense, he adopted as an object of analysis the autobiography of Edson Nery da Fonseca aiming to rescue elements of his personal, professional life and the political-intellectual contributions sanctioned by him to the field of Brazilian Librarianship. In methodological terms, the analysis took place through the hermeneutic apprehension of Edson Nery da Fonseca's autobiographical account, combined with the interpretative work of his intellectual biography. Instituted as the first plan of action, hermeneutic reading enabled us to understand, from the object of analysis in question, the main elements that shape what Philippe Lejeune defined as the Autobiographical Pact, to which he added, through the questions formulated around from the intellectual biography of Edson Nery da Fonseca elements that reveal his performance in the fields of culture and national librarianship, both as a theorist and as a political agent. As a result, the research carried out revealed the attributes of referentiality and breadth concerning autobiographies and biographies as sources of information and memories. Similarly, Edson Nery da Fonseca's autobiography proved to be a significant testimony to the history of Brazilian Library Science.

Keywords: Biography; Autobiography; Source of information; Memory; Edson Nery da Fonseca; Brazilian librarianship.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. CAPÍTULO 1 O gênero biográfico: narrativas agregadoras do tempo da alma e do mundo | 19 |
| 2.1. Biografia e autobiografia: entre o real, o ficcional e a memória | 21 |
| 2.2. Os heróis, a idade modal e a fase hermenêutica: a escrita biográfica e suas tipologias..... | 26 |
| 2.2.1. Primórdios da escrita biográfica: da idade heroica às hagiografias | 27 |
| 2.2.2. A Idade Modal das biografias..... | 30 |
| 2.2.3. A Idade hermenêutica: o singular, a contribuição da biografia existencialista sartreana e a pluralidade das identidades | 32 |
| 2.3. A biografia intelectual..... | 36 |
| 2.4. Biografia e memória..... | 39 |
| 3. CAPÍTULO 2 Biografias e autobiografias como fontes de informação | 43 |
| 3.1 Fontes de informação: conceitos, tipologia e características gerais... | 45 |
| 3.2 Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória ... | 51 |
| 4. CAPÍTULO 3 O que deixamos de fazer na vida: uma análise da autobiografia de Edson Nery da Fonseca (06/12/1921 – 22/06/2014) | 60 |
| 4.1 MEMÓRIAS E EVOCAÇÕES: “O que deixamos de fazer na vida” | 64 |
| 4.1.1 OS INTERLÚDIOS DA VIDA PROFISSIONAL: de bibliotecário no Recife, até o palácio do planalto e finalmente o seu retorno à Pernambuco | 66 |
| 4.1.2 A BIBLIOTECONOMIA: “Abandonei a crítica literária para dedicar-me à formação de bibliotecários” | 67 |
| 4.2 ATRIBUTOS INFORMACIONAIS E DE MEMÓRIA DAS BIOGRAFIAS: | 76 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 79 |
| 6. REFERÊNCIAS | 81 |

1 INTRODUÇÃO

De modo particular e de forma significativa sempre gostei de ler sobre a vida das pessoas e de aprender por meio delas. Lia com prazer histórias sobre heróis de outros tempos, homens e mulheres famosas ou mesmo de sujeitos comuns. Nas primeiras leituras, é certo que muita coisa me escapava, talvez porque ainda não entendia plenamente como as dinâmicas informacionais e as questões do tempo e da memória modulam os relatos biográficos. Contudo, mesmo em face disso, conseguia tangenciar alguns elementos circunscritos nessas narrativas.

Mais tarde, quando optei pela Biblioteconomia – fiz o curso motivada pela paixão aos livros e pelo trabalho que exercia em uma biblioteca escolar da rede pública municipal – percebi que as biografias eram recorrentemente procuradas como fontes de pesquisa. Correlato a isso, descobri, também, que elas são classificadas tecnicamente como “fontes de informação”. Avançando em meu percurso formativo, compreendi que, quando assentadas em rigoroso trabalho de pesquisa, as biografias são, além de fontes de informação, importantes documentos de memória e de história. Razão pela qual, nos dias atuais, recorro às fontes biográficas tanto pelo prazer que tal gênero me proporciona, quanto para conhecer “novas vidas” e me informar sobre o contexto social, político, histórico e cultural em que elas transcorreram.

Com efeito, escrever sobre uma vida é atividade difícil e minuciosa. Isto porque a narrativa biográfica é, sem dúvida, um trabalho colaborativo, possibilitado, conforme demarca Carvalho (2008, p.30) “pela flexibilização das fronteiras disciplinares”. Assim observado, independente se ficcionais ou factuais, as biografias preenchem o imaginário do leitor que busca conhecer o indivíduo cuja vida se deslinda em forma de testemunho ou de relatos em terceira pessoa. A despeito disso, não há como estabelecer um critério rígido para lidar com as histórias de vidas ou “trajetórias” dos sujeitos biografados, isto porque, e esse já é um dos achados dessa pesquisa, as transformações epistêmicas em torno do gesto biográfico impõem inúmeras dificuldades àqueles que o exercem, sejam eles literatos, cientistas sociais, historiadores ou mesmo pesquisadores autodidatas. Isso se dá, em primeiro lugar, porque é fácil cair na tentação de cogitar conferir unicidade a vidas que são, em essência, contraditórias, ambivalentes e localizadas em tempos e espaços específicos. Em segundo lugar porque, não raro, buscamos dar visibilidade, ainda

sob influência de uma *histoire événementielle*, a sujeitos que em seu contexto alcançaram certo destaque, como se a importância de uma pesquisa biográfica estivesse limitada ao registro e constatação da proeminência do objeto selecionado. O resultado desse duplo movimento é, muitas vezes, a construção de biografias que se comportam quase que como destinos, ou verdadeiros tribunais de defesa. (SCHWARCZ. 2013, p.52).

Talvez seja em função disso que François Dosse (2015. p.12) afirme que a biografia se situa “entre ficção e realidade histórica”, equilibrando-se entre uma “verdade histórica e uma verdade literária” (LORIGA, 2011, p.18). Conjunção que, contemporaneamente, fez com que as biografias ganhassem espaço enquanto documento no âmbito de diferentes áreas do conhecimento: história, sociologia, educação, literatura, só para citarmos algumas. Interesse que, por sua vez, reorientou o modo de se olhar para o próprio sujeito a ser biografado. Nesses termos, se em sua gênese o trabalho biográfico esteve ligado às grandes figuras públicas e aos elogios públicos feitos a reis, santos, políticos, intelectuais e militares, agora faz-se perceptível um crescente interesse pela vida de pessoas comuns, gente simples como *Menocchio*, um moleiro nascido em 1532 na vila de Montereale, cuja história, ao ser recuperada por Carlo Ginzburg, converteu-se em fonte inventariante tanto do imaginário simbólico quanto das relações de força que pautavam a época daquele personagem. Assim observado, concordamos com Dosse (2015. p. 255), quando ele assinala que “o estudo do indivíduo, de um nome próprio ou de uma biografia serve como introito a uma história social renovada”.

Dialogando com o historiador francês, mas acionando outras referências teórico-paradigmáticas, Leonor Arfuch considera que “o espaço biográfico” é múltiplo e variado, compondo-se de inúmeras narrativas, entre as quais destaca: biografias autorizadas ou não, autobiografias, testemunhos, memórias, histórias de vida, diários íntimos, correspondências, cadernos de notas, autoficções, entrevistas midiáticas, romances e ensaios. Atentando também para a expansão do espaço biográfico na atualidade, Arfuch assinala de forma clara uma crescente expectativa e uma frenética exaltação dos espectadores por narrativas vivenciais. Expectativas que não se voltam mais e tão somente para as biografias heroicas, posto recaírem, na grande maioria dos casos, sobre os “anti-heróis” e suas vidas corriqueiras.

Nesses termos, e acreditando que o objetivo geral de toda biografia é a apreensão do “sentido de uma vida” e a forma como esse sentido se concretiza em

experiências individuais e sociais, incorporamos em nosso estudo a tese de François Dosse (2015, p.122) segundo a qual “o gênero biográfico encontra-se na transversalidade dos saberes”. Transversalidade que, de modo geral, pode ser visualizada, de acordo com esse autor, nos três grandes momentos que demarcam a evolução histórica do gênero, quais sejam: a Idade Heroica, a Idade Modal e a Idade Hermenêutica. Recorrendo às suas palavras:

Se conseguirmos detectar uma evolução cronológica entre essas três idades, veremos claramente que os três tipos de tratamento da biografia podem combinar-se e aparecer no curso de um mesmo período. (DOSSE, 2015, p.13).

De modo sintético, uma vez que o primeiro capítulo dessa dissertação foi estruturado com o objetivo de aprofundar essa discussão, o autor ressalta que no contexto da *Idade Heroica* os escritos biográficos encontram-se imbricados ao gênero histórico. Assim demarcado, a biografia é entendida como obra destinada a salientar as qualidades do herói: a coragem, os sacrifícios, a guerra. Com isso, o sujeito biografado era o protagonista de uma vida que lhe exigiu ações edificantes e exemplares, razão pela qual esse herói tramitava na literatura entre o discurso de verdade do historiador e a criatividade da forma biográfica, posto que seu intuito também era privilegiar o imaginário dos leitores. A vida do biografado deveria ser, assim, narrada por outro sujeito também considerado exemplar. Esse tipo de escrita biográfica se apresentou de modo recorrente em vários momentos da história, despontando nas hagiografias da idade média, quando se evocava uma vida exemplar de alguns homens e mulheres de caráter virtuoso. Na modernidade, essa forma de se escrever biografias passou a ser enquadrada em uma nova roupagem, a partir da qual buscava-se exaltar o herói nacional, as autoridades, os chefes de família, os grandes artistas, exímios músicos, homens de letras e até mesmo certas instituições sociais.

Aprofundando suas discussões, o historiador aponta que a *Idade Modal* da biografia valoriza a autonomia da história e converte o ser humano em objeto de investigação factual. Com isso, os escritos biográficos e autobiográficos passaram a ser considerados como um gênero impuro, sendo reduzidos à categoria de “historietas”. Isso se deu em um momento no qual as ciências sociais, alicerçadas na filosofia positivista, primavam pelo comportamento observável e previsível dos seres humanos. Diante de tal conjuntura, a história, a sociedade e os indivíduos poderiam ser tratados pelo mesmo método de pesquisa aplicado às ciências naturais. Nesse

contexto, o singular foi substituído pelo coletivo, sendo, por extensão, subjugado aos seus movimentos.

De forma paralela, o sujeito biografado foi convertido em modelo “revelando o comportamento médio das categorias sociais do momento” (DOSSE, 2015, p. 195). Dito de outra maneira, a vida privada dos ilustres ou de qualquer outra pessoa deixou de ser expressiva porque às ciências sociais só interessavam as instituições e o seu previsível funcionamento. Embora a biografia tenha conhecido um momento desfavorável enquanto gênero narrativo, ela ainda servia aos historiadores em razão de sua capacidade de engendrar em torno de si e de dar visibilidade às demandas e modos de vida de uma época e, também, por dotar as instituições sociais de uma função memorialística. Sendo assim, fica evidente na idade modal da biografia elementos que contribuíram para a definição dessa tipologia textual como fontes de conhecimento e informação que visavam atender aos padrões de cientificidade moduladores de uma época.

Último estágio de seu esquema organizativo, a *Idade Hermenêutica* é subdividida por Dosse em dois modelos não excludentes: a Idade Hermenêutica (I), unidade sustentada pelo domínio do singular, e a Idade Hermenêutica (II), cujo foco recai sobre a pluralidade das identidades. Tanto em um modelo quanto no outro, o que se faz observável é um retorno ao indivíduo e à sua singularidade.

No que tange às suas premissas metodológicas, torna-se importante destacarmos que a biografia hermenêutica¹ teve como um de seus marcos de sustentação a filosofia de Jean Paul Sartre e sua “biografia existencialista”. Sob os auspícios da filosofia sartreana efetivou-se, pois, nova guinada nos estudos

¹ Enquanto campo de estudo filosófico, a Hermenêutica possui uma longa história, dado que foi estruturada como prática de interpretação dos textos sagrados. Na Modernidade ganhou novos contornos tornando-se uma teoria da interpretação. O objetivo da hermenêutica é constituir um amplo trabalho de interpretação e compreensão dos mais diversos textos – filosóficos, literários, jurídicos, artísticos – atentando-se para sua alteridade, bem como para a experiência vivencial daquele que o concebeu. Nesse sentido, uma biografia hermenêutica se ocupa de informações holísticas, além da autenticidade das fontes de informação escritas, documentos, imagens entre outros. Em face disso, não exclui as inúmeras possibilidades de uma experiência vivida e não se limita a evocar e arrolar fatos ou posições de forma cronológica e reducionista. Ao contrário, as técnicas hermenêuticas buscam nas informações disponíveis uma compreensão conjunta das coisas. Isso se estabelece porque, de acordo com Gadamer (1999, p. 436): “recordamos aqui a regra hermenêutica, segundo a qual tem-se de compreender o todo a partir do individual e o individual a partir do todo. É uma regra que procede da antiga retórica e que a hermenêutica moderna transferiu da arte de falar para a arte de compreender. Aqui como lá subjaz uma relação circular. A antecipação do sentido, na qual está entendido o todo, chega a uma compreensão explícita através do fato de que as partes que se determinam a partir do todo determinam, por sua vez, a esse todo”.

biográficos, condição tornada evidente tanto no livro *As palavras* – uma autobiografia sartreana –, quanto nos três volumes monumentais da obra *Flaubert, o idiota da família*, experimentos nos quais o pensador francês se apropriou de conceitos e métodos oriundos da psicanálise, da história e da sociologia para refletir acerca do existencialismo, da individualidade e das inúmeras manifestações singulares que pautam as ações humanas. Enquanto biógrafo, Sartre não se contentava apenas em identificar ou descrever uma vida, para ele era imprescindível que se interpretasse as emoções humanas para, assim, melhor se compreender as condutas subjacentes à própria humanidade. Nesses termos, para o filósofo francês, o indivíduo e suas ações nunca poderiam ser tomados dissociados de sua realidade. Por essa razão, tratar uma fonte biográfica de maneira hermenêutica acaba por potencializar uma compreensão mais abrangente de uma dada experiência humana.

Sem negligenciar as três idades propostas por François Dosse, Leonor Arfuch assinala que, na contemporaneidade, os relatos de vida evoluíram e alcançaram um espaço significativo tanto no mercado livreiro quanto no contexto das produções literárias, históricas e jornalísticas muito em função da visibilidade alcançada pelas biografias de pessoas anônimas. De acordo com a pesquisadora argentina, um traço significativo da produção de biografias na atualidade é que elas “[...] delineiam uma cartografia da trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos”. (ARFUCH, 2010, p.15). Dessa maneira, a sociologia e também a história fizeram do indivíduo, suas vivências e subjetividade, objetos de investigações e de apreensão de certa realidade.

Não por acaso, a abordagem interpretativa do fazer biográfico se mostrou frutífera para o entendimento dos muitos marcadores textuais e de conhecimento responsáveis por sancionar a importância desse gênero narrativo. Ao levar em consideração os diferentes contextos e as distintas construções identitárias do homem comum, do homem político e do sujeito social e psicológico, as biografias e autobiografias foram instituídas como fontes de informação em potencial, uma vez que transpõem o domínio da individualidade para se consolidarem em documentos sintetizadores de uma época, de um lugar ou mesmo de um sistema de pensamento.

Com isso e sem perder de vista as diversas fases que sinalizam para a historicidade desse gênero, a presente dissertação filia-se à última fase da “aventura biográfica” e conjuga à essa dimensão hermenêutica alguns postulados presentes no campo da historiografia moderna, sobretudo aqueles fundamentados pelo estudo das

Biografias Intelectuais. Nesse contexto, o objeto de pesquisa privilegiado são as “vidas” de homens e mulheres que se dedicaram à produção intelectual e à elaboração de teorias, conceitos, análises, obras e outros diferentes escritos conectados ao mundo das letras e do conhecimento em geral. Razão que, entre outras, justifica a escolha do livro de memórias de Edson Nery da Fonseca como objeto investigativo das análises aqui efetivadas, as quais são apresentadas nas páginas que se seguem.

Dito isso, cabe aqui lançarmos uma indagação: o que significa biografar um intelectual? Entre os vários caminhos possíveis para se responder a essa questão, o mais comumente trilhado é aquele que conjuga a análise da produção intelectual do biografado com certos acontecimentos e relações pessoais, sociais e institucionais que tiveram certo destaque ao longo de sua trajetória de vida. Segundo essa diretiva, o importante não é realçar dados isolados ou situações específicas, mas, antes, como se deram certas escolhas, os diálogos estabelecidos com certos interlocutores, o contexto em que esse indivíduo se insere e todas as demais camadas de sentido ou injunções às quais dados “intelectual” – cientista, escritor, filósofo, entre outros –, teve que responder e que se mostra tributário.

Não por acaso, se nosso objetivo era assinalar os atributos que definem as biografias como fontes de informação e memória, para além do interesse público e do mercado, era fundamental que demarcássemos as razões que impulsionam os biógrafos a investirem na “escrita de uma vida”. Seria apenas por curiosidade acerca de algumas particularidades ou excentricidades da história de vida de seus escolhidos? Seria a busca da genealogia de um conceito ou de uma teoria? Ou seria o interesse pelos fatores culturais, históricos e políticos responsáveis por justapor o biografado e sua época, realçando, assim, suas contradições, concessões e paradoxos? Como exemplo de respostas possíveis para esse conjunto de interrogações, deixemos que alguns biógrafos falem por si mesmos:

[...] Segui seus passos, tanto quanto permite o gênero biográfico, combinando um estilo discreto à tentativa de transmitir verdades emocionais, bem como históricas, sobre pessoas e fatos. No processo, tive de examinar minhas convicções sobre a natureza da biografia e o papel do biógrafo. As perguntas são muitas vezes genéricas, [...]: Por que há quem escreva biografias e por que há quem as leia? Considerando certas respostas em comuns, digamos que haja uma busca de identidade, a rememoração de nossos ancestrais culturais. [...] Embora os sentimentos do biógrafo sobre o sujeito que lhe serve de tema sejam decisivos, seu trabalho é visto

muitas vezes como se envolvesse apenas o refinamento da informação bruta e a elaboração de um estilo – fundindo-se a pessoa do emissor, num silêncio implacável, com a mensagem que ele emite. (MARDER, 2011, p.16-17).

Escrever uma biografia é viver uma aventura íntima e às vezes intimidante. Seja como for, Jacques Derrida agora faz parte da minha própria vida, como uma espécie de amigo póstumo. Estranha amizade de mão única, que ele não teria deixado de interrogar. Tenho a convicção: não existe biografia senão de mortos. A toda biografia, portanto, falta o leitor supremo: o defunto. Se existe uma ética do biógrafo, talvez seja aí que possamos situá-la: ousaria ele postar-se, com seu livro, diante de seu *sujeito-tema*? (PEETERS, 2013, p.29).

Quero, portanto, empreender a narrativa de como Arthur concebeu e desenvolveu sua filosofia e de que forma esta filosofia transformou e desenvolveu o filósofo. Eu ousou empreender a tentativa de analisar a Filosofia enquanto descrevo, ao mesmo tempo em que narro a vida de Schopenhauer e as circunstâncias que permitiram o desenvolvimento histórico da cultura de sua época. As pessoas que pensaram e desenvolveram toda a cultura daquele tempo já estão mortas, mas seus pensamentos permanecem vivos e estão vivos no meio de nós. Há, portanto, razão suficiente para que os pensamentos que as sobreviveram sejam difundidos novamente entre nós, tais como se fossem os de pessoas que vivem em nossos dias. (SAFRANSKI, 2011, p.13).

Como pode ser apreendido, existem muitas prerrogativas para que uma biografia seja escrita: o relato sobre verdades tidas como factuais ou testemunho de caráter mais emocional, de histórias acerca de acontecimentos e de pessoas; a rememoração de certos “representantes de nossa cultura”; a pesquisa a respeito de como determinado pensador desenvolveu sua filosofia ou suas teorias; e, ainda, a tentativa de se elucidar os vários mecanismos externos e internos que pautam o florescimento histórico de uma cultura e de sua época. Motivações que, em certa medida e em outro plano narrativo, podem ser evocadas como argumentos capazes de explicar porque determinada pessoa concebe uma autobiografia, uma narrativa testemunhal acerca de si. Narrada em primeira pessoa e estruturada a partir de uma seleção particular, o que diferencia uma forma discursiva da outra, é, sobretudo, o desejo de publicizar o privado de si, configurando, nesses termos, uma imagem pública sem intermediários, condição que não destitui das autobiografias todos os demais atributos percebidos nas biografias. Em consonância com esses argumentos, as biografias são tratadas aqui como fontes de informação e memória, condição que lhes confere o status de importantes instrumentos de pesquisa para as mais diversas áreas do saber, em especial no contexto das ciências humanas e sociais.

Assim observado, buscou-se na autobiografia do bibliotecário Edson Nery da Fonseca informações e atributos responsáveis por lhe conferir um lugar de destaque na Biblioteconomia Brasileira. Essa escolha se mostrou conveniente em decorrência do fato do bibliotecário ter vivenciado grande parte da História da Biblioteconomia do Século XX, antecipando alguns elementos imprescindíveis para o contexto informacional contemporâneo. Além disso, Edson Nery da Fonseca dialogou com inúmeros intelectuais em toda a sua vida, atuou como docente no Ensino Superior, escreveu crítica literária e ocupou importantes cargos políticos. Enquanto agente histórico, vivenciou o Estado Novo, a implantação da Ditadura Militar, a fundação da Universidade de Brasília e do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (antigo IBBD, hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT) e a revalorização da Democracia. Ao rememorar tudo isso em seu relato autobiográfico, Edson Nery fala de si, mas também da história brasileira e mundial, fornecendo-nos informações valiosas para compreensão da nossa própria realidade.

Adotando isso como pressuposto e visando confirmá-lo, a presente dissertação foi subdividida em três capítulos, aos quais se somam essa introdução e as considerações finais. No primeiro capítulo, cujo título é **“O gênero biográfico: narrativas agregadoras do tempo da alma e do mundo”**, discorre-se sobre a história do gênero biográfico conferindo destaque às suas especificidades e tipologias. No segundo capítulo **“Biografias e autobiografias como fontes de informação”**, são examinadas a dupla função das biografias e autobiografias, enquadrando-as como fontes informacionais e memorialísticas. No terceiro capítulo, que foi intitulado: **“O que deixamos de fazer na vida: uma análise da autobiografia de Edson Nery da Fonseca (06/12/1921 – 22/06/2014)”**, o foco foi dado à autobiografia intelectual do bibliotecário Edson Nery da Fonseca conferindo ênfase à apreensão de informações e relatos mnêmicos que fizeram dele um profissional representativo da biblioteconomia brasileira. Por fim, nas considerações finais são tecidas algumas observações que sintetizam os principais elementos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memória.

2. CAPÍTULO 1

O gênero biográfico: narrativas agregadoras do tempo da alma e do mundo

A vida do homem sobre a terra, ó rei, comparada com os vastos espaços do tempo de que nada sabemos, parece-me semelhar o voo do pássaro que entrasse por um vão do telhado numa grande sala do castelo ao centro da qual há uma lareira acesa, e onde tu te banqueteias em meio aos teus conselheiros e vassallos, enquanto lá fora as chuvas do inverno castigam. O pássaro atravessa rapidamente o salão para sair do lado oposto, e após esse breve átimo, vindo do inverno, a ele retorna, perdendo-se de vista. Assim é a efêmera vida humana, da qual nada sabemos do que a precede nem do que se lhe seguirá... [...] A vida, tal como a vivemos, não é um momento de trégua [...] Mas a imagem do pássaro vindo não se sabe donde e voltando para onde não se sabe permanece um bom símbolo da inexplicável e curta passagem do homem sobre a terra².

“Todos se foram há muito tempo, mas são amados e importantes em minha vida”.³

² YOURCENAR, Marguerite. Sobre um trecho de Beda, o Venerável. In: YOURCENAR, Marguerite. *O tempo, esse grande escultor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

³ SACKS, Oliver. *Gratidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Em linhas gerais, uma biografia prefigura-se como a descrição de uma vida, não importando o quão célebre o biografado tenha sido. Para efeito de exemplificação, tomemos como referência inicial de nossas discussões a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Redigido em forma de diário, esse livro constitui-se em um relato autobiográfico a partir do qual a autora, uma catadora de lixo que vivia em uma região miserável de São Paulo, narra sua luta cotidiana pela sobrevivência. Em vários depoimentos e entrevistas, Carolina Maria de Jesus afirmou que escrever diários foi a forma encontrada por ela para aliviar o sofrimento, driblar a melancolia e a fome que reinavam em sua vida e na de seus filhos. O testemunho de Carolina se deu de maneira bastante simples: o livro editado manteve, por exemplo, os erros de sua grafia. Condição que não diminui em nada o valor testemunhal desse comovente relato biográfico realizado por uma mulher negra, favelada e semianalfabeta.

Ao transpor para o papel a matéria vertente de sua vida, a autora de *Quarto de despejo* registrou e informou a milhões de brasileiros, muitos vivendo em condições semelhantes à sua, acontecimentos, realizações, sonhos e catástrofes que, embora experienciadas individualmente, revelam muito sobre a São Paulo de sua época e a respeito das contingências históricas, sociais e culturais que pautavam a vida de homens e mulheres buscando sobreviver nas periferias de uma grande metrópole.

Atentando, pois, para esses marcadores informacionais, a presente pesquisa tem como um de seus objetivos caracterizar os qualificadores que fazem das biografias e autobiografias fontes primárias e secundárias de informação, refletindo, no âmbito desse primeiro capítulo, sobre seus atributos enquanto documentos agregadores e difusores de conhecimento e memória. Para tanto, estabelece-se um diálogo com estudos e formulações provenientes de diferentes campos do saber, especialmente a história, a literatura, a filosofia a sociologia e a biblioteconomia.

Subdividido em quatro seções principais, as páginas a seguir conferem destaque, em um primeiro momento, aos marcadores históricos e conceituais que assinalam para uma evolução do gênero biográfico/autobiográfico. Posteriormente, tendo-se em vista reforçar o “valor científico” dessas obras, discute-se o conjunto de elementos que as convertem em fontes de informação, de memória e de conhecimento, sobretudo no âmbito das ciências humanas e sociais, uma vez que a escrita biográfica levanta, organiza, sistematiza e desvela ao público dados, acontecimentos e situações conjunturais que dizem tanto da vida de sujeitos

específicos, quanto da época e do meio social em que estes estavam/estão inseridos. Dito isso, começemos buscando respostas para a seguinte pergunta: qual a natureza do gênero biográfico?

2.1. Biografia e autobiografia: entre o real, o ficcional e a memória

Dizer o que é uma biografia e uma autobiografia não se constitui, em si, uma novidade acadêmica, posto o assunto ser recorrentemente abordado por diversos campos do conhecimento – a história, a filosofia, a literatura, a antropologia, a psicologia, entre outros –, condição que acentua sua importância enquanto gênero narrativo e, também, a interdisciplinaridade metodológica que circunscreve seus múltiplos modos de elaboração, estudo e apreensão.

Nesse sentido, e é isso que pretendemos demonstrar com o presente capítulo, as biografias e autobiografias configuram-se em importantes fontes de conhecimento e de memória acerca de uma multiplicidade de sujeitos biográficos: reis, personalidades políticas, escritores e filósofos, celebridades do mundo das artes e do esporte, heróis reais ou inventados, mas também de pessoas comuns, instituições e até mesmo de uma nação ou de uma época. Isso porque, em sua gênese, essas duas modalidades textuais estruturam-se em torno de um complexo processo de mapeamento e de urdidura de dados, acontecimentos, relatos testemunhais e biografemas⁴ que, em seu conjunto, acabam por retratar tanto uma vida específica, quanto por descrever relações humanas, padrões de comportamento social e dinâmicas culturais singulares a um momento histórico ou a um lugar.

Não sem razão, ao se interrogar sobre a natureza da biografia e do gesto autobiográfico, Sylvia Molloy (2003) nos diz que tanto uma modalidade textual quanto a outra resulta da arte de contar a história de uma vida e que sua potência interpretativa está diretamente vinculada àquilo que é possível se extrair dessa história. Tendo por referência essa assertiva, se por longa data a produção de biografias centrou-se na descrição cronológica da existência e dos feitos de um sujeito singular, mais contemporaneamente a escrita biográfica/autobiográfica se faz

⁴ “[...] Constitui-se, portanto, em outro tratamento para aquilo que “a cultura nos oferece acerca do autor (através dos livros, fotos, manuscritos, filmes, entrevistas, documentos, etc): a relação biografemática faz uso deste material, porém, toma-o compósito de signos soltos, prontos para pontilharem outros rostos, culminando em novos jogos de mentiras e verdades”. (COSTA, 2010, p. 29).

mediante “uma espécie de etimologia do minúsculo” (COSTA, 2010, p. 29), a partir da qual cada fragmento evocado acena para aquilo que uma vida tem de mais vigoroso: “seu movimento de criação e de recriação de mundos” (COSTA, 2010, p. 29).

Movimento que, por sua vez, é executado de forma distinta pelo biógrafo e por aquele que produz um relato sobre si, uma autobiografia. No primeiro caso, a escrita é feita, geralmente, por um pesquisador profissional que coleta, interpreta e divulga informações factuais e/ou ficcionais sobre alguém. Por sua vez, a autobiografia expressa-se como um relato pessoal, um testemunho concebido por indivíduos que se propõem a dividir sua intimidade e suas experiências com o público. À parte tal diferenciação, essas duas maneiras de se contar a história de uma vida possuem uma longa tradição histórica e desdobram-se em uma profusão de estilos narrativos, os quais, nas palavras de Jacques Le Goff (2014), constantemente reinventam a escrita biográfica, livrando-a “dos bloqueios em que falsos problemas a mantinham”. (LE GOFF, 2014, p. 21).

Afirmativa que se torna melhor apreensível quando recuamos no tempo e recuperamos marcadores metodológicos, discursivos e funcionais vinculados à evolução histórica dos modos de se produzir obras biográficas e autobiográficas. Atentando para isso, é possível indicarmos que, enquanto gênero narrativo, a biografia surge na Grécia e que, em sua forma mais antiga, os historiadores concentravam-se em descrever “vidas notáveis”.

Não sem razão, os autores dessa tipologia de texto também deveriam ser “sujeitos célebres”, a exemplo de Homero, Plutarco e Suetônio. Ainda no Mundo Clássico, mas agora no contexto romano, esse quadro não se mostrou diferente, uma vez que importantes poetas, filósofos e historiadores se empenharam em garantir viva a memória de outros homens ilustres. Tendo por base esse preceito da notoriedade, o gênero biográfico⁵ desenvolveu-se tendo por objetivo “designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia). (LORIGA, 2011, p. 17).

Somente no século XVIII esse estilo de se produzir relatos biográficos foi transformado graças à validação da subjetividade como marca referencial de uma

⁵ Acreditamos ser importante observar que, segundo Sabina Loriga (2011), o termo “biografia” só aparece ao longo do século XVII.

possível “garantia biográfica”. Foi Jean-Jacques Rousseau quem primeiro delineou, de acordo com Leonor Arfuch (2010), a especificidade do gênero autobiográfico na modernidade ao entrelaçar em suas *Confissões* distintas modalidades de escritas de si: diários íntimos, correspondências e memórias. Eis, segundo o próprio filósofo, a novidade de seu empreendimento confessional:

Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu. Somente eu. Conheço meu coração e conheço os homens. Não sou da mesma massa daqueles com quem lidei; ousou crer que não sou feito como os outros. Mesmo que não tenha maior mérito, pelo menos sou diferente. Se a natureza fez bem ou mal quando quebrou a forma em que me moldou, é o que poderão julgar somente depois que me tiverem lido. (ROUSSEAU, 2011, p.21).

Ao pretender mostrar a seus semelhantes “um homem em toda a verdade de sua natureza” por meio de um “eu” revelado como sujeito histórico, Rousseau evoca experiências e “verdades” que deseja compartilhar sinceramente, sem disfarces, expondo suas enfermidades, errâncias, orfandade, indignidade, mas, também, sua generosidade. Para isso, retira de si qualquer máscara que possa se interpor como obstáculo à exposição de “todos os seus movimentos afetivos” (STAROBINSKI, 2011, p.247). Diante de tal pretensão, torna-se indispensável que Rousseau estabeleça um diálogo claro, em tom confessional, com seus leitores, dando-lhes a conhecer sua alma, seu coração e sua consciência. Eis o que afirma o filósofo iluminista:

Queria poder, de alguma maneira, tornar minha alma transparente aos olhos do leitor, e, por isso, busco mostrá-la a ele sob todos os pontos de vista, iluminá-la por todas as luzes, fazer de modo que aí não se passe nenhum movimento que ele não perceba, a fim de que ele possa julgar por si próprio do princípio que os produz. (ROUSSEAU, 1908, p.263 *apud* STAROBINSKI, 2011, p.249).

Por meio desse movimento, o gesto autobiográfico insinua-se como prática de “afirmação identitária e de (re)construção das subjetividades” (CARVALHO, 2008, p.19-20). Com isso, a interioridade de um mundo que fora somente particularizada passa a ser exteriorizada e conhecida publicamente. O autobiográfico passa a se exhibir, assim, por meio de diferentes instâncias narrativas como a poesia, as memórias, os romances, e, por extensão, no cinema, nas entrevistas, entre outras.

Contudo, Philippe Lejeune (2014) ressalta a impossibilidade de se revelar totalmente a “verdade de uma vida”:

[...] em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos do conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística. (LEJEUNE, 2014, p.121).

Isso significa que a autobiografia não se limita à história daquele que expõe seu testemunho. Dito de outra maneira, a vida de uma pessoa, por mais solitária que ela seja, é sempre marcada por inúmeros contatos com o mundo exterior, e é nesses intervalos que a intimidade exposta em uma autobiografia nos permite conhecer o mundo no qual habita certo narrador, ensejando, assim, uma espécie de “consumo viciante da vida dos outros” (ARFUCH, p. 61). Não sem razão, esse gênero narrativo se tornou uma espécie de *best seller* do século XVIII.

Contudo, nas primeiras décadas do século XIX os textos biográficos e autobiográficos foram definidos como um “subgênero” da prática historiográfica, condição que diminuiu o prestígio dessas obras entre seus leitores. Ancorado em premissas positivistas, o fazer biográfico foi investido da tarefa de historicizar e edificar apenas a vida de “grandes homens”, vultos caros à pátria e à nação. Nesse cenário, historiadores e biógrafos “preferiram as trajetórias individuais em favor das investigações macroorientadas, estruturais, quantitativas, de longa duração”. (SCHMIDT, 2000, p.50).

Com isso, ao procurar afirmar sua cientificidade aproximando-se da história e afastando-se da literatura, a biografia se viu confinada a uma situação subserviente: selecionava-se “personagens proeminentes ou transformava-os em figuras de proa. Ou seja, [buscava-se] conferir evidência a sujeitos que em seu contexto possuíram pouco destaque, como se a importância de uma pesquisa estivesse limitada ao registro e a constatação da proeminência do objeto selecionado.” (SCHWARCZ, 2013. p. 52), realçando, assim, as qualidades do biografado em questão. Com isso, o texto biográfico se transforma em veículo a partir do qual a ideologia liberal e a herança burguesa eram reproduzidas e enaltecidas. Condição que, em ampla medida, explica porque a escrita ou a narrativa da própria vida foi qualificada, por muito tempo, como um hábito mantido por pessoas pertencentes à classe dominante.

No entanto, à medida que as discussões sobre os processos de individualização ganharam evidência no âmbito das ciências humanas e dos estudos literários, novos olhares interpretativos foram impostos sobre os usos e abusos da memória, inclusive da memória biográfica. Tributária desses “novos olhares”, a *Idade Hermenêutica da biografia* promoveu, na passagem do século XIX para o XX, uma ruptura epistemológica na forma de se observar e de se relatar os fenômenos humanos. Correspondendo às demandas desse momento histórico, “as biografias abriram caminho para a renovação teórica da crítica literária. Outras vezes procuraram se ajustar à segregação que o campo intelectual lhes [impunha]”, (WERNECK, 1996. p.25). A partir disso, o fazer biográfico se viu obrigado a buscar respostas para duas questões concretas: quais seriam, então, as características necessárias para que um indivíduo tivesse sua vida narrada? Que motivações teria um indivíduo para escrever sobre a vida de outrem ou sobre si próprio?

Ao conjugar informações obtidas por pesquisas com/em fontes diversas e métodos narrativos que conferem visibilidade a múltiplas vozes, o fazer biográfico contemporâneo tem se ocupado, contingencialmente, com elementos de cunho psicológico e análises contextuais reveladores tanto de uma dimensão histórica – das vicissitudes de uma época ou das realidades políticas, sociais e culturais de determinado lugar – quanto dos desejos, das escolhas e das conjunturas específicas que pautam uma dada experiência de vida. Por isso, conforme observa Oliveira (2011), produzir textos biográficos no mundo contemporâneo revela-se um “trabalho historiográfico complexo”, porque demanda “refazer o caminho que leva à composição da vida de um indivíduo” (OLIVEIRA, 2011, p. 12). Nesses termos, é possível afirmarmos que ao trabalhar com fontes documentais e testemunhais, examiná-las, selecioná-las, interpretá-las e escrever sobre a vida de alguém, sobre o contexto em que ele viveu e sobre as relações pessoais e sociais por ele estabelecidas, o biógrafo produz e intermedia informações e conhecimentos de distintas naturezas.

Sendo assim, aos biógrafos competem algumas atitudes clássicas como elucidar a escolha do sujeito a ser biografado, o recorte histórico-metodológico selecionado, as estratégias de reconstrução de certos eventos e biografemas, além de incessante trabalho de investigação documental para desvelar a vida do seu biografado. A tudo isso deve-se acrescentar o cuidado ético e a responsabilidade do pesquisador no momento de compartilhar com familiares, amigos e com o público em geral as informações coletadas, as experiências, os vestígios, os segredos, os

sucessos e ou infortúnios das vidas que desvelam. Movimentos que são executados de forma semelhante por aqueles que concebem relatos testemunhais acerca de si mesmos.

Tais singularidades nos permitem, pois, apreender as biografias e as autobiografias como “gêneros narrativos específicos” (DOSSE, 2015. p.66), e, em extensão, conforme efeturemos nas páginas que se seguem, defini-las como documentos de memória e fontes de informação.

2.2. Os heróis, a idade modal e a fase hermenêutica: a escrita biográfica e suas tipologias

De modo sintético, podemos assinalar que a proposta básica de uma biografia e de uma autobiografia é alcançar a totalidade do conhecimento acerca da vida de uma pessoa. Contudo, nenhuma vida pode ser plenamente narrada. Condição que impõe aos biógrafos as tarefas de pesquisar, selecionar, sistematizar e rearranjar acontecimentos, fatos e histórias marcantes de seu biografado. Nesses termos, ao contar as histórias de uma vida, o biógrafo acaba por realizar um exercício historiográfico que demanda a conjugação de um conjunto de conhecimentos eminentemente interdisciplinar, posto que o mesmo irá, em seu trabalho, coletar informações inscritas em diferentes suportes e fornecidas por variadas fontes⁶.

Não é por acaso, pois, que a biografia tem resistido ao tempo. Permanência que, para ser melhor apreendida, pressupõe, nos dizeres de Sabina Loriga (2012, p.26-27), “historicizar a questão do gênero”, atentando para os seus deslocamentos, suas transformações epistêmicas e sua evolução histórica. Esse empreendimento, que pode ser executado de diferentes maneiras, será efetivado aqui por meio de uma linha do tempo, uma periodização, subterfúgio metodológico que nos permitirá, como bem notou Jacques Le Goff (2015, p. 32), traçar “uma imagem contínua e global do passado” desse gênero textual.

⁶ Atentando para isso, Loriga (2012, p. 32) demarca que apesar das pesquisas biográficas privilegiarem “documentos biográficos clássicos, que chamamos de ego-documentos, tais como os diários, as memórias autobiográficas, as correspondências, há também fontes que não foram consideradas como documentos biográficos que podem ser muito ricas do ponto de vista biográfico – por exemplo, os processos e as fontes judiciárias”.

Caminhando nessa direção, apresentamos abaixo três grandes momentos ou periodizações da escrita biográfica: a Idade Heroica, a Idade Modal e a Idade Hermenêutica⁷. Embora sejam períodos históricos longos, é prudente assinalarmos, já aqui, que um tipo específico de tratamento não anula totalmente o anterior, posto suscitar novas maneiras de estudos. Sendo assim, se compararmos as biografias da antiguidade com as que são produzidas nos dias atuais, perceberemos algumas mudanças sutis e, outras, substanciais no tratamento de inúmeras questões, como por exemplo, o estatuto da veracidade ou mesmo os requisitos que fazem uma vida digna de ser biografada.

2.2.1. Primórdios da escrita biográfica: da idade heroica às hagiografias

No mundo antigo a escrita biográfica respondia a dois objetivos marcadamente morais: identificar e consagrar “os valores heroicos e cristãos”, perpetuando para a posteridade atos e virtudes exemplares de homens santos e mártires, ou mesmo de reis, poetas e políticos eminentes. Naquele contexto, cabia aos poetas, epigramistas e historiadores esboçarem o perfil de uma vida dignamente vivida.

Assim sendo, e isso é apontado de forma recorrente na literatura clássica sobre o assunto, as primeiras biografias nascem na Grécia entre os séculos V e IV a.C., fazendo-se, pois, contemporâneas do gênero histórico. Conforme dito anteriormente, as biografias desse período, cujo discurso era modulado quase sempre em tom elogioso, dedicaram-se a retratar personalidades da vida política: reis, magistrados, filósofos, entre outros, e da vida cultural: poetas, atletas, heróis, só para citarmos alguns. Como desdobramento dessa tipologia, aparecem, ainda no século IV a.C., os memoriais, que se limitavam a fornecer, de forma restrita e fragmentária, “informações de ordem biográfica” como, por exemplo: “morreu da peste”, “morreu antes do casamento”, “era uma irmã amada que cuidava da doença de seu irmão”.

Contudo, o gênero de narrativa biográfica de maior sucesso nesse período foi certamente as hagiografias. Tendo aparecido por volta do século II depois de Cristo, essa tipologia de obras pode ser definida como “[...] a escrita da vida dos santos. Esse gênero literário privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torna-las

⁷ De acordo com François Dosse (2015), embora essas três idades não se configurem como paradigmas do ato biográfico, tal periodização serve de auxílio para se historicizar as várias formas que os textos biográficos assumiram entre a Grécia dos séculos V e IV antes de Cristo e a contemporaneidade.

exemplares para o resto da humanidade. [...] Seu regime de verdade permanece distinto daquele que se espera do historiador” (DOSSE, 2015, p. 137).

Por conseguinte, as hagiografias priorizam em seu discurso a experiência de vida de uma pessoa vista como santa e portadora de virtudes capazes de transformá-las em mensageiras da cristandade. Razão pela qual circunscrevem em torno de si um grande “número de testemunhas prontas a corroborar essa certeza e cujos depoimentos, recolhidos num dossiê, são apresentados para uma eventual canonização⁸”. (DOSSE, 2015, p. 139).

Em decorrência disso, na Alta Idade média, além das hagiografias, papas, mártires e homens exemplares passaram a receber outras honrarias biográficas como sepulturas com elogios funerários e iconografias portadoras de mensagens comemorativas. Um exemplo disso nos é dado por Philippe Ariés (2014, p. 278-279), ao transcrever a inscrição disposta na tumba de Sainte Théodechilde: “Virgem sem mácula, de nobre estirpe, deslumbrante de méritos. [...] Madre deste mosteiro, ensinou as suas filhas, virgens consagradas ao Senhor, a correr para o Cristo”.

Posteriormente, essa “vontade de memória” encontrou ecos no âmbito da vida comum. Já no século XIV é possível se localizar na Europa epitáfios de pessoas menos ilustres informando “uma curta declaração de identidade e, por vezes, uma palavra de elogio”. (ARIÉS, 2014, p. 288). Nos séculos XVI e XVII as inscrições tumulares deixam de ser individuais para se tornarem familiares e coletivas. Com isso, os epitáfios passam a cumprir uma função ainda mais clara: legar à posteridade as lembranças daqueles que se foram.

No século XVII os jesuítas Bolland e Henskens iniciaram um trabalho cuja proposta era conferir cientificidade, por meio de uma leitura crítica e distanciada, para as hagiografias⁹. Para tanto, identificou-se que esse tipo de obra carecia de “densidade historiográfica” (DOSSE, 2015, p. 146), o que implicava dizer que os

⁸ Há aqui um elemento importante que devemos destacar: como a vida de uma pessoa santa está calcada na humildade, a história de vida só pode ser escrita/contada por outra pessoa.

⁹ Os bollandistas, ao conceberem a hagiografia como uma “ciência” da vida dos santos”, submeteram as legendas áureas e demais obras santorais ao crivo da cientificidade histórica que começava a despontar no século XVIII. Mediante esse procedimento, os eruditos procuravam identificar, por um lado, as Vidas ‘autênticas’, separando-as das ‘espúrias’ e, por outro, pretendiam encontrar, através dessas narrativas, os elementos considerados reais ou factíveis, ligados às vidas de um “indivíduo real”, separando-os dos elementos inautênticos e das interpolações praticadas pelos hagiógrafos desde os primeiros séculos do cristianismo. Para os bollandistas, a “hagiografia crítica é um ramo da ciência histórica. Seus métodos não diferem em nada daqueles que se aplicam aos sujeitos históricos”. Com isso, vemos surgir outra concepção para o mesmo vocábulo: *hagiografia* como “ciência” da vida dos santos.

relatos de vidas de santos deveriam agregar, além da experiência mística, a missão para a qual essa vida virtuosa se destinava, bem como a comprovação de seus milagres e sua própria santidade.

Por conseguinte, se o gênero biográfico ocupou-se, até o século XVIII, em preservar a memória e a história de vida de pessoas notáveis – santos, reis, poetas e filósofos, por exemplo –, posterior a esse período é possível percebermos um gradual interesse pela história pessoal de outros personagens tidos até então como “secundários ou comuns” (DOSSE, 2015, p.167), são eles: soldados, criminosos, trabalhadores de ofício ou mesmo mulheres e seus afazeres domésticos. Essa marca confere à escrita biográfica, como bem observa Loriga (2011, p. 19), “um tom mais intimista”.

De forma contrária a esse movimento, o século XIX, pautado por ideologias nacionalistas e patrióticas, acabou por fortalecer, uma vez mais, o culto ao *grande homem* das letras e aos heróis do Estado. Prática que encontrou respaldo na episteme historiográfica da época, posto se acreditar que a História, enquanto disciplina, deveria ocupar-se dos grandes temas coletivos, tais como as sociedades, as civilizações ou as instituições nacionais. Tendo isso em vista, é preciso não negligenciarmos o fato de que, embora:

[...] O século XIX aparece às vezes como a idade de ouro da biografia, isso acontece porque nos esquecemos de que ele é, acima de tudo, o século da história. A biografia não passa de um parente pobre, de um gênero menor, desdenhado e relegado a alguns polígrafos sem prestígio intelectual. (DOSSE, 2015, p. 171).

Por conseguinte, mesmo que a segunda metade do século XIX não se mostre muito afeita ao gênero biográfico, relegando-o a “local de refúgio da historieta” (DOSSE, 2015, p. 181), os anos iniciais do século XX vislumbraram um retorno às hagiografias. Isso se deve, em ampla medida a:

[...] uma renovação historiográfica muito acentuada, sobretudo com a fundação da chamada *Escola dos Anais (École des Annales)* francesa que, entre outras coisas, propunha a procura por novas fontes sobre o passado. Foi assim que os estudiosos, não só franceses, começaram a olhar para as obras santorais com um interesse especial, não, porém, no mesmo sentido dos bollandistas, que esperavam separar a hagiografia verdadeira da falsa. A partir da década de 1960, senão antes, os especialistas passaram a usar a expressão *hagiografia* numa acepção muito próxima àquela dos

autores do medievo, isto é, como sinônimo generalizante para designar as diversas obras escritas sobre os santos¹⁰. (CEIA, 20--?)

Anterior a isso, os biógrafos já eram considerados escritores profissionais e literatos, condição que não impediu que outras modalidades de narrativas biográficas¹¹ se tornassem alvo de críticas tanto em relação ao estilo quanto em sua dimensão historiográfica, posto serem vistas, conforme aponta Sabina Loriga (2015), como obras mentirosas e excessivas.

Dito isso, e como forma de síntese, faz-se perceptível que ao longo dos vários séculos no qual imperou o estilo de biografia heroica, o que temos são descrições de histórias de vidas cujas as ações e experiências individuais eram consideradas determinantes para se afirmar o sujeito em questão. Isso porque “a valorização do herói leva ao extremo a tensão entre o particular e o universal”, (DOSSE, 2015, p. 151).

Assim observado, se nesse primeiro período do fazer biográfico certos indivíduos tidos como sábios ou santos, mas também reis, filósofos e outros sujeitos célebres tiveram suas vidas transformadas em histórias exemplares, o segundo momento – a Idade Modal – promoverá uma guinada significativa nesse campo narrativo: sai de cena o indivíduo idealizado, ganha evidência o sujeito coletivo¹². Eis o que discutiremos abaixo.

2.2.2. A Idade Modal das biografias

O segundo momento que aponta para uma historicidade da escrita biográfica é a Idade Modal. Segundo François Dosse (2015, p.195), essa caracterização contempla obras centradas em ilustrar, a partir de uma figura específica, o coletivo. Dito com outras palavras, o sujeito escolhido para ser biografado serviria como representativo do momento sócio histórico em que sua vida transcorreu. Para Sabina

¹⁰ Dicionário de termos literários de Carlos Ceia. Disponível em: <http://edtl.fctsh.unl.pt/encyclopedia/hagiografia/>. Acessado em 21 mar 2019.

¹¹ Obras que davam ênfase ao psicológico e valorizavam o anti-herói, renunciando, em muitos casos, à necessidade da verdade factual, em outras palavras, a biografia romanceada.

¹² Nas palavras de Dosse (2015, p. 215): “Apesar da biografia vivenciar o eclipse entre os historiadores, ela conseguiu se manter com vias à representatividade de uma categoria social, à moda de Weber. Ou seja, os biógrafos historiadores ilustram um contexto, um momento, uma categoria social. [...] A biografia só vale como exemplificação, ilustração de comportamentos, de crenças próprias a um meio social ou a um instante particular”.

Loriga (2011), esse segundo período estrutura-se em torno do conflito instituído entre a biografia e a história, sendo mais preciso, entre uma visão teleológica da história e os novos padrões de cientificidade requeridos pelas ciências sociais em seu momento de nascimento, condição que acarretou em um paulatino desinteresse pelas biografias e por histórias individuais.

Aproximando-se da *História magistral vitae* – História professora da vida –, movimento historiográfico que segundo Le Goff (2015, p. 38) ganha visibilidade nas décadas finais do século XVIII tendo-se em vista “formar bons cidadãos” por meio do relato de vidas exemplares, memoriais, cujos “ensinamentos perenes”, (OLIVEIRA, 2011, p.34) incidem sobre as ações do presente, a biografia se viu confinada a uma posição de subserviência à história enquanto disciplina. Face a isso, caberia ao historiador estabelecer os nomes dos merecedores da honra de serem considerados “portadores da verdade”. (OLIVEIRA, 2011, p.39)

Nesse cenário, o gênero biográfico passou a ser questionado, principalmente por pensadores marxistas, como um produto cultural genuinamente burguês, que contribuía para o processo de manipulação das massas, posto privilegiar, até aquele momento, a história dos vencedores: heróis, reis e rainhas, homens santos e outros expoentes da nobreza e do clero. Com isso, o fazer biográfico foi qualificado como um ofício inferior em relação a outros saberes derivados das ciências sociais, tidos, àquela altura, como conhecimentos emancipados pelo “cientificismo natural”. Sabina Loriga compartilha com essa perspectiva ao afirmar que:

Durante o curso do século XX, a imagem da história biográfica se deteriorou. [...] Rapidamente a biografia se converteu no emblema da história tradicional, acontecimental, mais atenta à cronologia que às estruturas, aos grandes homens que às massas¹³. (LORIGA, 2012, p. 177 – Tradução nossa).

Talvez em função disso a historiadora italiana defenda que ao longo do século XX “o gosto pelo singular só consegue sobreviver em alguns recônditos da historiografia” (LORIGA, 2011, p. 46), como é o caso das prosopografias¹⁴ ou

¹³ Durante el curso del siglo XX, la imagen de la historia biográfica se deterioro. [...] En breve tiempo la biografía se convierte en el emblema de la historia tradicional, événementielle, más atenta a la cronología que a las estructuras, a los grandes hombres que a las masas.

¹⁴ “O estudo de biografias coletivas (ou a prosopografia) é utilizado na investigação de uma diversidade de objetos, fenômenos políticos, movimentos sociais, grupos políticos, culturais e sociais, sem estar, logicamente, associada a uma teoria ou a uma interpretação histórica substantiva. Nesse sentido, pode-se considerar que o investigador de História Política, de História Social, recorre a este recurso da micro-

biografias coletivas e dicionários biográficos gerais. Levando-se em consideração que os dicionários são frutos de trabalhos coletivos de pessoas autorizadas a falar sobre o assunto, assim como as enciclopédias, cabe-nos, aqui, levantarmos a seguinte indagação: nesse cenário, qual a importância atribuída aos dicionários biográficos?¹⁵ A resposta a essa questão mostra-se diretamente vinculada ao fato de que se alguma pessoa importante deixasse de aparecer nos dicionários seria um duro golpe para aqueles de vida pública. Indo além, e dialogando com Alzira Alves Abreu (2000, p. 4), é possível evidenciarmos que “não ser biografado, para um homem público, poderia significar o esquecimento pela história, na medida em que os dicionários estariam consagrando os “verbetados”, tanto diante dos pesquisadores como da mídia e daqueles que “fazem a opinião pública”.

Para a biografia modal, ter o nome impresso em um desses dicionários poderia significar, em termos do biografado, seu reconhecimento social, mas, também, sua execração pública caso seu nome não fosse mencionado nessas obras. Portanto, os dicionários biográficos, assim como as enciclopédias estiveram sujeitos a críticas e a possibilidades de renovação, o que de fato ocorrerá a partir dos investimentos, pesquisas e interesses plurais que passarão a circunscrever a produção dessas fontes informacionais na contemporaneidade, sobretudo a partir da sedimentação da Idade Hermenêutica das biografias.

2.2.3. A Idade hermenêutica: o singular, a contribuição da biografia existencialista sartreana e a pluralidade das identidades

O terceiro momento aqui focado, definido por François Dosse (2015) como a Idade Hermenêutica da biografia, representou uma renovação para o gênero

história como uma técnica de pesquisa, dentre outras, abordagens possíveis dos fenômenos investigados. [...] A biografia, de acordo com esse enfoque, não representa apenas uma pessoa singular, mas, acima de tudo, um indivíduo que concentra todas as características de um grupo, ou seja, reproduz a estrutura social”. (MONTEIRO, 2014, p. 14-15).

¹⁵ Um exemplo: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930-1983 – DHBB. “O projeto do DHBB começou a ser desenvolvido no CPDOC-FGV em 1974 e, sob a coordenação de Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu, produziu seu primeiro resultado dez anos depois. [...] Pesquisar sobre temas da história contemporânea do Brasil, além de exigir o domínio da bibliografia pertinente, significava sair em campo para localizar arquivos, consultar coleções de jornais, obter anuários e anais oficiais, entrevistar pessoas. Publicar significava editar volumes em papel. Foi o que foi feito, e a primeira edição do DHBB em 1984, com seus quatro volumes e 4.493 verbetes, ao consolidar informações até então esparsas e registrar suas fontes, tornou-se obra pioneira, e ela própria fonte para novas pesquisas. Em pouco tempo a obra esgotou-se”. Em 2001 foi publicada uma segunda edição. <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>.

biográfico, uma vez que passou a atribuir, no plano da narrativa de uma vida, o mesmo peso para elementos de ordem objetiva e outros de caráter mais subjetivo. Essa guinada responde, em muitos aspectos:

[...] às transformações constantes que os estudos históricos registraram, especialmente no decorrer do século XX. O decurso histórico, outrora entendido como contínuo e global, perdeu o sentido da totalidade e incorporou medidas e categorias até a-históricas, envolvendo uma rede de complexas relações e articulações, que acabaram por afetar o papel da história da literatura. [...] O modelo cientificista, proveniente das ciências da natureza, não parecia adequado para ser aplicado à literatura, em função do seu teor materialista. (ZILBERMAN, 2004. p. 176).

Diante dessa nova forma de apreensão, as descrições objetivadas da biografia clássica encontraram seu contraponto nas formulações existencialistas do pensador francês Jean Paul Sartre, é o que argumenta François Dosse (2015, p. 231) ao pontuar que:

Sartre é fecundo ao gênero biográfico porque porá de lado a alternativa entre elementos exteriores ao sujeito e elementos próprios à sua psicologia interior. [...] Graças a esse método, rompe com o esquema da causalidade mecânica, que convém pouco ao gênero biográfico, e abre uma via para articular elementos singulares com a unidade de uma pessoa.

Amparado pelo método hermenêutico, Sartre se detém na reconstrução minuciosa da vida biografada, razão pela qual investiga também os antepassados, a família, a obra, os ditos, os silêncios, enfim, o cotidiano do indivíduo em seus pormenores “existenciais”, constituindo, assim, um trabalho de crítica e interpretação¹⁶. Descrito nesses termos, o método biográfico introduzido por Sartre pode ser apreendido como resultado dos sucessivos processos de transformações que reorientaram as bases epistêmicas das ciências humanas e sociais no decorrer do século XX.

Isso quer dizer que, se durante todo o século XIX essas ciências adotaram por referência métodos quantificáveis prescritos pelas ciências naturais, os avanços teórico-metodológicos que tiveram lugar no século XX possibilitaram que elas “estudassem” a sociedade, os sujeitos e as relações sociais por meio de outros

¹⁶ Essa apreensão do método biográfico se converteu, no contexto dessa pesquisa, em importante chave de análise da autobiografia de Edson Nery da Fonseca, que se dizia “um existencialista cristão”.

ângulos de apreensão. Inscrito nessa nova realidade, o existencialismo sartreano, em face de suas premissas hermenêuticas, fez do ato biográfico um trabalho muito mais holístico, posto agregar em sua elaboração variáveis atravessadas por marcadores de natureza psicológica, histórica, antropológica, linguística, histórica, entre outras.

Seguindo fielmente essas premissas, Sartre escreveu uma autobiografia e também biografou celebridades, entre as quais Saint Genet e Gustave Flaubert. E é justamente no prefácio de sua obra sobre Flaubert que o filósofo define as bases de seu método biográfico ao afirmar que podemos reconstituir a história de um morto da maneira que quisermos, contudo, devemos ter sempre em vista que “cada informação, colocada em seu devido lugar, torna-se parte de um todo que está constantemente sendo feito e, ao mesmo tempo, revela sua profunda homogeneidade com todas as outras partes” (SARTRE, 2013, p. 7).

Ao ponderar tais aspectos, Sartre lança luzes sobre o princípio da intencionalidade do biógrafo e questiona, nesse mesmo movimento, a separação do todo em partes. Sendo mais preciso, o filósofo advoga em prol da impossibilidade de se descrever uma vida sem se atentar para o contexto e as relações que conferiram um sentido a essa existência no mundo. Por conseguinte, se no passado as grandes realizações artísticas e/ou científicas foram interpretadas como sendo o resultado das ações e das escolhas de homens isolados, agora o que se busca apreender são os pontos de contato entre uma vida e seu tempo e como as relações estabelecidas com outros sujeitos incidem na conformação de muitas histórias entrecruzadas.

Com isso, ao colocar de lado os extremismos factuais, o método existencialista de Sartre se volta para as condutas do sujeito no mundo vivido, interpretando – daí sua aproximação com a hermenêutica – o modo como certas dinâmicas e relações familiares, sociais, culturais e mesmo o comportamento psíquico-emocional podem ser evocados para se traçar o esboço biográfico de uma dada existência humana. Para Sartre, conhecer um homem implica, portanto:

[...] ir além daquilo que ele fala ou reflete sobre si, é preciso descrever suas ações, sua práxis cotidiana, o contexto no qual está inserido. Portanto, não podemos nos limitar ao discurso ou à linguagem. É preciso destacar a especificidade da existência humana, ao tomar o homem concreto na sua realidade objetiva, material, social, sociológica. (SCHNEIDER, 2008, p. 291).

Não sem razão, na idade hermenêutica da biografia, homens célebres e personagens anônimas se convertem em “entidades pertinentes” àqueles que produzem relatos biográficos. Tratadas como obras que rendem elogios a uma vida, mas que também testemunham o seu tempo, as biografias, ao lado de outras publicações ligadas à temática da memória, conquistam novamente o mercado editorial a partir dos anos de 1970. Em paralelo a isso, relatos autobiográficos e histórias orais passaram a ser considerados fontes de informação para sociólogos e historiadores. No entanto, por se situarem “num espaço entre escrita e leitura literária ou entre escrita e leituras científicas” (DOSSE, 2015, p. 242), essas “vidas coletadas no gravador” (LEJEUNE, 2014, p. 61) podem ser bem ou mal utilizadas por aqueles que, por intermédio delas, buscam delinear e interpretar a subjetividade, as memórias e certos fenômenos sociais e culturais de um dado grupo.

É o que também argumenta Leonor Arfuch (2010) ao asseverar que o uso científico da biografia e de outros relatos autobiográficos pressupõe a conjugação de ações de caráter dialógico, conversacional e interativo cujo objetivo final seria garantir “seus acentos coletivos”. (ARFUCH, 2010, p.240).

Sendo assim, essa ampliação do espaço biográfico, no qual convergem desde “formas canonizadas e hierarquizadas a produtos estereotípicos da cultura de massa” (MOLLOY, 2003, p. 67), reorientou o lugar social ocupado pelas biografias e autobiografias, uma vez que tais relatos deixaram de priorizar, tão somente, a reconstituição de certas vidas tidas como exemplares, para se ocuparem, também, com a história e as vivências de homens e mulheres comuns, justamente por se entender que é por meio dessa conjugação de vidas que certos contextos mais amplos – a história, a cultura e a vida social de um grupo ou de uma época específica, por exemplo – podem ser reconstituídos e desvelados.

Reportando-se, pois, às estratégias hermenêuticas para elaborar a interpretação ou reinterpretação de uma vida, os biógrafos, assim como os historiadores e documentalistas produzem informações, subvertem ordens discursivas instituídas e desvelam novas chaves de leitura tanto para histórias individuais quanto para acontecimentos coletivos.

Amparando-se nesses marcadores de especificidade, e sem perder de vista as diversas fases que descrevem e conferem uma função ao texto biográfico, a presente pesquisa filia-se ao último desses três grandes momentos da “aventura biográfica” e conjuga a essa dimensão hermenêutica alguns postulados presentes no campo da

historiografia moderna, sobretudo aqueles fundamentados pelo estudo das Biografias Intelectuais. Gênero narrativo ou tipologia de obra que converte em objeto de pesquisa a “vida” de homens e mulheres que se dedicaram à produção intelectual e à elaboração de teorias, conceitos, análises e outros escritos conectados ao mundo das letras e do conhecimento em geral. Dito isso, cabe aqui lançarmos uma nova indagação: o que significa biografar um intelectual? Discutiremos sobre isso na seção abaixo.

2. 3. A biografia intelectual

O interesse pela vida dos homens de letras – escritores, filósofos, intelectuais e teóricos – é, certamente, uma variável histórica. Não por acaso, muitos deles se ocuparam em registrar escritas de si. Constatação que nos impele a investigarmos porque esse interesse tem atravessado a história do biográfico. Um primeiro argumento clarificador desse movimento nos é fornecido por Philippe Lejeune, para quem “o interesse pelos textos autobiográficos é consequência da crença em um discurso vindo diretamente do interessado, refletindo simultaneamente sua visão de mundo e sua maneira de expressar” (2014, p. 136). Atrelado a isso, do ponto de vista científico, depreende-se que por meio da pesquisa com documentos e arquivos pessoais de certo “intelectual” é possível se acessar diferentes aspectos tangíveis e intangíveis concernentes à elaboração de uma obra, de uma fórmula, teorema ou teoria prescritos por sujeitos que viveram em outros tempos e espaços.

Em decorrência disso, inúmeras biografias intelectuais se transformaram em verdadeiros *best sellers* editoriais, é o caso das biografias de Freud, escritas por Peter Gay¹⁷ e Elizabeth Roudinesco¹⁸, que também biografou Jacques Lacan; da biografia que Max Gallo¹⁹ escreveu sobre Victor Hugo; da obra de Lilia Moritz Schwarcz²⁰ sobre Lima Barreto ou da monumental biografia de Dostoiévski, editada em 5 (cinco) volumes por Joseph Frank²¹, só para citarmos algumas.

¹⁷ GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁸ ROUDINESCO, Elizabeth. *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016 e ROUDINESCO, Elizabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*: São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁹ GALLO, Max. *Victor Hugo: eu sou uma força que avança*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006 e GALLO, Max. *Victor Hugo: este um sou eu!* São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

²⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

²¹ FRANK, Joseph. *Dostoiévski*. São Paulo: Edusp, 1997, 5v.

Por envolver muitas variáveis, a concepção e a produção de uma biografia intelectual configuram-se em investimentos de longo prazo, posto demandarem do biógrafo uma imersão na vida e na obra do sujeito biografado. Razão pela qual podemos caracterizar essas obras como fontes informacionais cuja escritura encontra amparo tanto em documentos primários quanto secundários, é o caso das cartas, diários, documentos pessoais, rascunhos, manuscritos, entrevistas, testemunhos de pessoas próximas, entre outros.

Assim observado, elaborar uma biografia ou uma autobiografia intelectual transpõe em muito o envolvimento do biógrafo com seu biografado, uma vez que pressupõe desvelar todo um conjunto de marcadores de sentido que dizem muito sobre o desenvolvimento de uma teoria, sobre as configurações de uma ou de várias obras e, também, sobre o “espírito de uma época”²².

Entender as particularidades do cotidiano e as motivações que nutrem um intelectual a produzir sua obra é o principal objetivo dessa variante da escrita biográfica. Em função de sua especificidade e da tipologia documental que ampara sua realização, geralmente uma biografia intelectual constitui-se em um empreendimento de pesquisa levado a cabo, também, por outro intelectual. Como exemplo disso, podemos citar a biografia de São Francisco de Assis²³ escrita por Jacques Le Goff, que o considerou “uma personagem histórica que sacudiu a religião, a civilização e a sociedade.” (2017, p. 10).

Fascinado pela vida do santo italiano, o historiador francês ambicionou compor uma biografia global do homem que desejou transformar a sociedade de seu tempo apresentando-se aos seus semelhantes como um devoto da humildade. A partir da obra de Le Goff, percebemos que a vida de Francisco de Assis, ancorada em seus ensinamentos, não só o converte em um modelo exemplar do homem humanista da Idade Média, como, também, uma referência para o tratamento de algumas das principais questões humanas e sociais que assolam os nossos dias.

²² No sentido de *zeitgeist*, expressão em língua alemã, comumente acionada para se referir à conformação cultural e intelectual de certa época ou período histórico.

²³ Nas palavras do historiador: modelo de um novo tipo de santidade centrada no Cristianismo a ponto de se identificar com o próprio Cristo, São Francisco de Assis foi uma das personagens mais impressionantes de seu tempo, sobretudo por ter sido “meio religioso, meio leigo, nas cidades em pleno desenvolvimento, nas estradas e no retiro solitário, no florescimento da civilização urbana combinado com uma nova forma da pobreza, da humildade e da palavra, à margem da Igreja, mas sem cair na heresia, revoltado sem niilismo, ativo naquele ponto mais fervilhante da cristandade”. (LE GOFF, 2017, p.10-11).

A partir desse exemplo, percebemos que a principal característica das biografias intelectuais é conferir visibilidade aos contingentes históricos, sociais, intersubjetivos, políticos e relacionais que interconectam o biografado, sua obra e seu tempo. Constitui-se, pois, como o resultado de um intenso processo de pesquisa e sistematização a partir do qual a produção intelectual e certos contatos interpessoais e/ou vínculos institucionais ganham mais atenção que acontecimentos intersubjetivos, posto a atenção do biógrafo se voltar para o “produto de uma vida” e não para a singularidade das experiências que individualizam uma experiência vivencial específica.

Tal como as demais tipologias de narrativas biográficas, as biografias intelectuais não se voltam apenas para as glórias e conquistas do gênio humano, dado que muitos “homens e mulheres de letras” se envolveram em intrincadas polêmicas enquanto estavam vivos, chegaram, alguns, a serem malvistas por seus familiares, pela academia e pelo público, levando um bom tempo para serem reconhecidos histórica e socialmente.

A título de exemplificação, citemos o caso do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que teve uma vida breve, amou as artes, em especial a música, e que concebeu uma obra filosófica centrada no combate à dominação ideológica de instituições tradicionais como a religião, a moralidade, a política, a história, influenciando, assim, inúmeras gerações de novos pensadores. O resultado não poderia ser outro, como homem de uma época enclausurada em modelos de pensamento marcadamente qualificados como “não históricos”, acabou por solapar amizades, distanciar paixões e por ser mal interpretado. Sendo assim, ao se deterem nessa miríade de elementos, as biografias de Nietzsche se apresentam tanto como um elogio à sua memória, quanto como fonte de informação sobre sua obra e as linhas gerais de seu pensamento. Eis a razão pela qual intentamos, nas páginas que se seguem, indicar os pontos de contato que aproximam a escrita biográfica e as narrativas autobiográficas ao campo de estudo da memória.

2.4. Biografia e memória

O homem, sabendo-se finito, busca resistir às limitações e fragmentações impostas por *Lete*²⁴ inventando e compartilhando histórias. A memória é lembrança e recordação. Nesse sentido, dizer que o ato de recordar está intrinsecamente interconectado ao gesto narrativo equivale a admitir que a memória se exhibe tanto como produto de uma racionalidade particular, quanto como criações e referenciais compartilhados socialmente. Atentando para esse duplo movimento, François Hartog (2015, p. 284) pontua que:

Não deixa de ser verdade que, durante séculos, o passado foi a categoria de referência, a categoria dominante. O primeiro movimento era o de olhar para o passado, não para repeti-lo, mas para compreender o devir, para encontrar seus precedentes, exemplos e referências, com vistas às ações a serem praticadas. No regime moderno, esse papel ficou reservado ao futuro, que estabelecia o objetivo a ser atingido e o caminho para consegui-lo com a maior brevidade possível. A aceleração é um componente do regime moderno.

Na moderna e acelerada sociedade atual, sujeitos e grupos convivem com e inventam inúmeras ferramentas destinadas a organizar, preservar e difundir a memória, seja em sua forma documental, seja por meio de testemunhos. Essa condição se tornou ainda mais evidente a partir do grande desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação que fizeram, segundo Marilena Chauí (2006, p. 140), emergir na cena pública contemporânea um paradoxo mnêmico: a modernidade valoriza a memória fazendo proliferar artifícios de rememoração tanto pessoais quanto sociais, contudo, essa mesma sociedade, marcadamente encantada pelo novo, desvaloriza a memória em função da manutenção de uma infraestrutura capitalista que sempre precisa se atualizar. Dessa maneira, ao mesmo tempo que se criam museus e outros lugares de memória, cidades são destruídas visando-se “a modernização de seus espaços”. Sendo assim, torna-se cada vez mais importante refletirmos acerca dessa problemática, nos indagando, em primeiro lugar, sobre a relevância das questões mnêmicas na contemporaneidade para, em seguida,

²⁴ Nome dado, no contexto da mitologia grega, ao mítico rio do submundo que confere esquecimento às almas dos mortos.

analisarmos os pontos de contato que interconectam as biografias e autobiografias às paragens da memória.

Caminhando nessas direções, sinalizamos, já aqui, que elucidar os vários aspectos que atravessam o ato mnêmico requer conjugar em um mesmo plano analítico referências teórico-metodológicas inscritas em campos multidisciplinares do conhecimento como a Literatura, a História, a Antropologia, a Biologia e também aqueles dedicados ao estudo do patrimônio e das coleções. Em seu conjunto, esse olhar multidisciplinar demarca que passado e presente encontram-se imbricados à memória, razão pela qual não há como dissociar das experiências individuais os índices de significação subjacentes ao domínio das interações sociais. Tendo por referência essa confluência de olhares, Gondar (2016) estabelece a seguinte proposição acerca dos estudos sobre a memória:

Ainda que possa ser trabalhado por disciplinas diversas, o conceito de memória, mais rigorosamente, é produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber. Dito de outro modo: ainda que existam conceitos de memória no interior da filosofia, da psicologia, das neurociências e das ciências da informação, entre outras, a ideia de memória social implica que perguntas provenientes de cada uma dessas disciplinas possam atravessar suas fronteiras, fazendo emergir um novo campo de problemas que até então não se encontrava contemplado por nenhuma delas. (GONDAR, 2016, p. 20-21).

Em face disso, do ponto de vista histórico-social, torna-se relevante ressaltarmos que o campo da memória é um terreno conflituoso no qual atuam, de acordo com Jaime Ginsburg, (2013, p.11-12) elementos de natureza política, ideológica, intelectual e legal empenhados em projetar a “imagem legítima de um passado coletivo”, visando-se “controlar, em distintos contextos espaço-temporais, valores, demandas e direitos”. Tais contextos podem silenciar, modificar, fazer desacreditar ou apagar muitas histórias de vida. Já assistimos na história, muitos livros proibidos ou queimados pelo poder dominante, na tentativa de fazer calar os incômodos. De forma correlata, os lugares de memória nacional, por exemplo, constituem-se em empreendimentos que, ao promoverem uma espacialização da memória, dão a ver um complexo jogo de estratégias em torno da reivindicação de representações por vezes hegemônicas e de baixa assimilação social. Dito em outras palavras, os lugares de memória:

São os resíduos, as marcas, os restos, é porque temos a sensação de que não há memória espontânea que surge a necessidade de criar arquivos, realizar celebrações e escrever atas [...], temos: museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, atas, monumentos, santuários, associações que são criados para testemunhar ilusões de eternidade [...] Os lugares de memória se originam de uma vontade de memória, um desejo de fazer parar o tempo [...]. (BERND, 2013. p.38-39).

Associado a essa lógica celebrativa, o gesto biográfico pode constituir-se em ars memoriae tanto de uma época, “com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2015, p.11), quanto de memórias pessoais, familiares, institucionais ou mesmo grupais. Isto porque, as biografias e autobiografias são empreendimentos, narrativos que, por meio de uma “articulação entre o individual e o social” (SOUZA, 2009, p.378), convidam seus leitores a pensarem sobre si mesmos, sobre o outro e sobre o mundo vivido. Soma-se a isso, o fato de que a história do sujeito biografado está intimamente imbricada ao “espírito de sua época”, razão pela qual toda vida deve ser percebida não como uma sucessão de eventos encadeados cronológica e linearmente, mas, antes, como frutos de escolhas, negociações e contingências que, em seu conjunto, modulam uma imagem razoavelmente delineada de determinado sujeito e de suas experiências vivenciais.

Portanto, tal como exposto acima, as biografias e autobiografias mantêm dupla ligação com as paragens da memória: são documentos históricos e relatos de vidas. É, pois, em função desse duplo estatuto mnêmico que podemos considera-las, também, como fontes de informações gerais e específicas. Elas nos informam sobre as circunstâncias históricas, políticas, culturais e sociais de uma época, tanto quanto sobre as singularidades de uma vida privada, seja ela de pessoas comuns ou daqueles que se tornaram “heróis nacionais” ou, ainda, modelos de virtude. Dito com outras palavras, o potencial informativo e mnêmico das biografias e autobiográficas relaciona-se ao fato dessas obras apresentarem os sujeitos biográficos como indivíduos:

[...] dotados de uma significativa densidade narrativa sobre suas épocas, ou ainda, como [...] seres humanos dotados de complexas dimensões e relações que estão ligadas aos contextos em que viveram e nos quais suas memórias foram construídas e reconstruídas. (SILVA, 2009, p. 154).

Dessa forma, enquanto produtos estruturados a partir da conjugação de métodos e conceitos multidisciplinares, as biografias e autobiografias manejam e

desvelam informações de diferentes naturezas e provenientes de diversas fontes, condição que nos permite asseverar que, conforme faremos de modo mais aprofundado no próximo capítulo, ao adentrarmos no espaço biográfico e ao nos depararmos com uma autobiografia estamos nos colocando diante de uma obra que, além de fatos, lembranças e informações arranjadas de forma objetiva e linear, promove, segundo a bela expressão de Santo Agostinho, um diálogo entre *o tempo do mundo e o tempo da alma*.

3. CAPÍTULO 2

Biografias e autobiografias como fontes de informação

*Metade do conhecimento consiste em saber onde encontrá-lo.
[...] O conhecimento é de duas espécies. Podemos conhecer
nós mesmos um assunto ou saber onde podemos encontrar
informações a respeito.²⁵*

Para cada leitor, o seu livro.²⁶

²⁵ “Há uma biblioteca universitária nos Estados Unidos que ostenta, entalhado em sua porta principal, este aforismo: “Metade do conhecimento consiste em saber onde encontrá-lo”. Trata-se de uma alusão à tão citada afirmação feita pelo notável Dr. Samuel Johnson, há mais de 200 anos: “O conhecimento é de duas espécies. Podemos conhecer nós mesmos um assunto ou saber onde podemos encontrar informações a respeito”. Isto, por sua vez, tem sido frequentemente aceito como um postulado fundamental pelos bibliotecários de referência, pois representa o reconhecimento das fontes de informação como um ramo do saber — o que Louis Shores chamou o “onde” dos conhecimentos especializados em oposição ao “quê”.” (GROGAN, Denis. A prática do serviço de referência, p. 7).

²⁶ RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da Biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

Ainda que as sociedades se transformem rapidamente, a informação, tomada como parte integrante da vida social, se mantém enquanto elemento indispensável à promoção do diálogo entre os indivíduos, as organizações e as culturas. Definida por Capurro & Hjørland (2007) como “conhecimento comunicado”, a informação confere aos sujeitos, instituições e agrupamentos coletivos a possibilidade de se instruírem, de resolverem problemas gerais e específicos, de produzirem e compartilharem conhecimentos, de, em face disso, se inserirem e se posicionarem no mundo. Nesse sentido, nota-se que o registro, a organização e a transmissão de informações convertem-se em preocupações históricas, ganhando acentuada importância econômica e política na contemporaneidade.

Em decorrência da complexificação “da vida moderna”, sobretudo em razão do rápido desenvolvimento urbano, industrial e tecnológico, somos instigados a acumular todo tipo de informação, estejam elas gravadas em suportes analógicos ou digitais, para recuperá-las, posteriormente, por meio de aparelhos e/ou ambientes cada vez mais sofisticados. Com efeito, os mecanismos que estruturam essa lógica informacional exibem-se dentro de um espaço e de um tempo que afetam os modos a partir dos quais operam a memória humana. Diante da impossibilidade de retermos todas as informações produzidas, o que podemos fazer é recorreremos a certas técnicas, recursos e dispositivos que viabilizem um acesso mais rápido, eficaz e confiável aos substratos informacionais que melhor respondam às nossas necessidades específicas.

Contudo, Le Coadic (1996, p. 39) assinala que, na contemporaneidade, mais importante que se informar é saber localizar e “usar a informação”, ou seja, convertê-la em recurso capaz de racionalizar custos e benefícios, sanar dúvidas e fomentar o aprimoramento e a eficiência das mais diversas instâncias da vida social, desde aquelas ligadas às interações comunicativas efetivadas cotidianamente até aquelas vinculadas ao desenvolvimento de tecnologias de última geração.

De forma correlata, no contexto acadêmico cada ramo do conhecimento adota um conceito e uma forma particular de tratar a informação. Condição que, mais uma vez, ressalta sua importância e pregnância em todos os setores de nossa vida. No entanto, nem todas as informações que necessitamos nos são apresentadas de forma clara e passível de rápida apreensão, um exemplo disso são aquelas vinculadas a um vocabulário muito técnico como as bulas de remédios ou o conjunto de termos específicos empregados por juízes e advogados em seus autos e sentenças.

Quando nos deparamos com certa informação que julgamos ininteligível é natural buscarmos ajuda para torna-la mais clara e processável. Diversas estratégias podem ser empregadas nesse sentido: consultar a alguém de confiança e com um grau de instrução mais avançado, realizar pesquisas em sites da internet ou investigar em uma variedade de outras fontes de informação, sejam elas gerais e/ou específicas, físicas e ou virtuais.

Ainda que no senso comum a maioria das pessoas não tenha clareza quanto à especificidade do que venha ser uma “fonte de informação”, a interação com elas configura-se, em diferentes momentos e contextos, como uma faceta inerente ao ato de informar-se. Mesmo que a popularização da internet tenha modificado profundamente as dinâmicas de produção, organização, disseminação e acesso à informação, obras como enciclopédias, dicionários, artigos científicos, teses e dissertações, anuários, repositórios institucionais, senso populacionais e, conforme pretendemos demonstrar aqui, fontes biográficas – notadamente as biografias e autobiografias – ainda se constituem em recursos referenciais que amparam nossas dinâmicas de produção do conhecimento.

Caminhando nessa direção, o presente capítulo estrutura-se em duas seções: a primeira adota por centralidade a conceituação e a apresentação das tipologias e características definidoras de uma fonte de informação. Posteriormente, e em função de nosso objeto de estudo, será identificado e discutido o conjunto de atributos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memória. Começemos, pois, refletindo sobre nossa questão mais geral: o que é uma fonte de informação?

3.1 Fontes de informação: conceitos, tipologia e características gerais

Definir conceitualmente uma fonte de informação implica considerar seus distintos usos em múltiplos campos do conhecimento. Regina Zilberman (2004) assinala, por exemplo, que na literatura:

Fontes podem ser todo e qualquer material utilizado pelo artista antes de produzir sua obra: lembranças infantis, sonhos, histórias particulares ou coletivas, a tradição local ou nacional, escritos próprios ou alheios. Genericamente, fontes corresponde a um significante que pode acolher tudo que precede a obra, pertencendo à sua fase de

gestação e produção. Atribuir-lhe esse significado, porém, não basta; de um lado, por se mostrar muito abrangente; de outro, por não levar em conta escolhas do pesquisador que deseja privilegiar o estudo das fontes. (ZILBERMAN [et al], 2004, p. 18).

Da forma como foi elaborado esse conceito de fonte engloba todos os instrumentos necessários para que um autor/artista realize sua obra. Na prática, portanto, essas fontes podem ser definidas como material de referência – histórica, política, geográfica, artística, estética, informativa, etc. – porque foram capazes de conferir a esse trabalho *in progress* “um arranjo e um significado” (ZILBERMAN [et al], 2004, p. 18). Da mesma forma, após ser finalizada, obra em questão pode vir a compor o acervo de uma biblioteca ou ser divulgada em uma página da internet, movimento que a transformará, ela própria, em uma nova fonte de informação.

Com isso depreendemos que definir uma fonte de informação implica, em ampla medida, observar a especificidade das informações que elas agregam – razão pela qual podem ser classificadas como primárias, secundárias ou terciárias – a forma como essas informações são divulgadas – de forma corrente ou restrita – e o potencial uso que delas será feito. Nesses termos, é possível indicarmos que cada fonte de informação possui um local específico de nascimento e, também, que o modo como a informação é registrada e/ou difundida acaba por lhe agregar valor social e definir tanto a natureza dos conhecimentos que congrega quanto os contornos de sua aplicação nas muitas instâncias de produção e uso dos saberes às quais se aplicam.

Sendo assim e tendo por referência uma dimensão generalista, as fontes de informação podem ser agrupadas em: Enciclopédias, dicionários, fontes biográficas, fontes geográficas, meios de comunicação como jornais, televisão, bibliotecas, arquivos, sites na Internet, entre outros. Não obstante, existem as fontes de informação especializada, destinadas a prover informações específicas para sujeitos inscritos em diferentes ramos da produção social do conhecimento, por conseguinte possuem “várias características comuns e sofrem influências de um conjunto comum de fatores.” (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000, p. 23). Dessa forma, ao se ver inserido em um cenário de incessante aumento da produção bibliográfica e informacional, cabe aos usuários dessas obras realizarem pesquisas concernente à confiabilidade e à atualização de uma dada fonte de informação.

Conforme dissemos acima, em termos operacionais, é comum que as fontes de informação sejam classificadas em fontes primárias, secundárias e terciárias. De

modo sintético, são alocadas nessa primeira categoria fontes tidas como originais, “aquelas produzidas com a interferência direta do autor da pesquisa” (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000, p. 31). Logo, citamos os manuscritos, os rascunhos de um livro, trabalhos apresentados em congressos, dissertações, teses, relatórios técnicos, patentes, as escritas de si, diários, cartas, entrevistas inéditas, discursos, imagens artísticas originais como pinturas, partituras, testamentos e, atualmente, as correspondências eletrônicas, entre outros. A característica marcante dessa tipologia é o protagonismo, ou seja, o pensamento original e o seu compartilhamento. As informações primárias encontram-se, por vezes, dispersas em arquivos pessoais ou públicos, pressupondo, para sua utilização e difusão, um rigoroso trabalho de pesquisa, identificação, coleta e organização.

Já as fontes secundárias se organizam, por sua vez, em torno dos documentos primários, contribuindo, assim, para a localização das fontes primárias. O resultado desse movimento se dá a ver sob a forma de “um resumo, de uma seleção especializada ou de um catálogo coletivo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 172), bem como em um dicionário, enciclopédia, revisões de literatura, filmes, vídeos, biografias, base de dados, artigos de revisão, entre outros. Além disso faz-se necessário destacar que as fontes secundárias sofrem a influência daqueles que as organizam, indicando uma interpretação e avaliação prévia dos documentos primários.

Por sua vez, as fontes terciárias são variadas, constituindo-se na reunião das fontes primárias e das fontes secundárias, dando origem às bibliografias, aos serviços de indexação e resumos, aos guias de obras de referência, aos catálogos coletivos, aos guias de literatura, aos diretórios (Ex: Guias de Museu, Páginas Amarelas das listas de telefone), almanaques, entre outras. Em virtude das informações que agenciam, as fontes terciárias são as mais complexas de serem estabelecidas, elaboradas e definidas, sendo geralmente identificadas como “aquelas que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias”. (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000, p. 32).

Complementar a essa classificação, existem aquelas fontes que estão disponíveis apenas na Internet e que abrangem tanto “fontes primárias, secundárias e terciárias, quanto novas fontes construídas especificamente para o meio eletrônico” (PINHEIRO, 2006, p. 3).

Nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação muitos autores segmentam as fontes de informação específica em modalidades com vistas a contemplar certas particularidades de determinados ramos do conhecimento. Isso assinala, segundo (PINHEIRO, 2006, p. 2), certa “analogia com o conceito de “literatura de”, adotado pela Ciência da Informação, relativo à produção científica de determinada área, ou mesmo de “fonte primária”, na História”, Nesse sentido, se estruturam tendo por referência o direcionamento a um assunto, congregando em um mesmo universo informacional dados e insumos de conhecimento coletados em fontes de natureza científica, tecnológica, cultural, para negócios²⁷, jurídica e financeira, independente se essas informações estejam registradas em livros-texto, periódicos científicos, monografias, teses e dissertações, artigos de revisões de literatura, resumos, índices e outras bibliografias, anais de eventos científicos, congressos, conferências e bases de dados científicas (que incluem trabalhos científicos).

Uma classificação complementar a essa que nos reportamos acima foi proposta por Lakatos e Marconi, autores para os quais se faz evidente que:

[...] dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja autoria é conhecida, não se confundem com documentos, isto é, dados de fontes primárias. Existem registros, porém, em que a característica "primária" ou "secundária" não é tão evidente, o mesmo ocorrendo com algumas fontes não escritas. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 175).

Como as modalidades de uso de uma fonte de informação impacta diretamente em sua classificação, faz-se evidente que o trabalho de identificação e de definição de critérios capazes de validar a pertinência de uma fonte para determinada pesquisa ou uma necessidade informacional específica envolve muitos profissionais. Quanto maior for o conhecimento prévio dos envolvidos mais consistente se torna a validação de uma fonte. Por conseguinte, tais marcadores se dão a ver como um trabalho

²⁷ Os fornecedores, clientes ou consumidores, concorrentes e outras empresas do grupo fazem parte das fontes ligadas às atividades de mercado. As feiras e exposições, conferências, encontros e publicações especializadas, assim como as redes de informações informatizadas, são fontes de caráter profissional. As atividades realizadas para a aquisição de licenças, patentes e know-how realizadas por universidades e institutos de pesquisa e empresas de consultoria são denominadas fontes especializadas e institucionais. (SUGAHARA; JANNUZZI, 2005, p. 47).

colaborativo que articula acervos consideráveis, prerrogativas que podem ser facilmente observadas a partir do quadro a seguir:

Quadro 01 – Tipologia e classificação das fontes de informação

| CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES | CARACTERÍSTICAS | EXEMPLOS |
|---------------------------------|--|---|
| Primárias | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registram informações no momento de sua publicação, no corpo de conhecimento científico e tecnológico; ➤ Informação original, protagonismo, o pensamento original do autor e o seu compartilhamento; ➤ Proximidade com a fonte original; ➤ Novas evidências sobre o assunto; ➤ Dispersas em sua localização. | <ul style="list-style-type: none"> ○ Manuscritos; ○ Rascunhos de um livro; ○ Trabalhos apresentados em congressos; ○ Artigos de periódicos impressos ou eletrônicos; ○ Dissertações; ○ Teses; ○ Relatórios técnicos; ○ Patentes; ○ Diários; ○ Cartas; ○ Autobiografias; ○ Entrevistas inéditas; ○ Discursos; ○ Imagens artísticas originais como pinturas; ○ Testamentos; ○ Partituras musicais; ○ Normas técnicas, etc. |
| | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Contêm informações sobre documentos primários | <ul style="list-style-type: none"> ○ Dicionários; ○ Enciclopédias; ○ Revisões de literatura; |

| | | |
|--|---|--|
| <p style="text-align: center;">Secundárias</p> | <p>e orientam o usuário na sua pesquisa;</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Sofrem a influência daqueles que interpretam e avaliam as fontes primárias; ➤ Colabora para a localização das fontes primárias. | <ul style="list-style-type: none"> ○ Filmes; ○ Vídeos; ○ Biografias; ○ Base de dados; ○ Livros; ○ Anuários; ○ Manuais; ○ Bibliografias; ○ Publicações ou periódicos de indexação e resumos; ○ Artigos de revisão; ○ Catálogos, etc. |
| <p style="text-align: center;">Terciárias</p> | <ul style="list-style-type: none"> ➤ Constituem-se na reunião das fontes primárias e das fontes secundárias; ➤ São complexas em sua elaboração; ➤ Guiam os usuários às fontes primárias e secundárias. | <ul style="list-style-type: none"> ○ Bibliografias; ○ Serviços de indexação e resumos; ○ Catálogos coletivos; ○ Guias de literatura; ○ Diretórios (ex: guias de museu, páginas amarelas das listas de telefone); ○ Almanques, etc. |

Fonte: Elaborado pela autora

Uma vez definidas e caracterizadas as especificidades das 3 (três) principais tipologias de fontes de informação, convém reforçar, agora, os marcadores conceituais e funcionais que convertem as fontes biográficas em fontes de informação e de memória. Eis o que faremos na próxima seção.

3.2 Biografias e autobiografias como fontes de informação e memória

No capítulo anterior recuperamos uma série de indícios responsáveis por conferir singularidade histórica ao gênero biográfico. Também evidenciamos que, enquanto obras inscritas em tempos e espaços específicos, as biografias e autobiografias respondem e dão a ver os interesses e querelas de sua época, tanto em relação ao método empregado na construção de sua narrativa, quanto em termos da escolha daquele que será biografado.

De modo mais imediato, podemos dizer que esses dados sociais, culturais e históricos já comprovam, por si só, os atributos informacionais das fontes biográficas. Contudo, podemos ir mais longe e pontuar que essas obras são comumente produzidas a partir de um amplo processo de pesquisa, levantamento e sistematização de informações captadas em várias outras fontes e documentos. Condição que nos impele a evocarmos, mais uma vez, as seguintes questões: que elementos caracterizam uma escrita biográfica? Que atributos fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memória?

Em termos conceituais, Peter Burke acentua que:

O termo *biographia* foi cunhado na Grécia no fim do período antigo. Antes disso, falava-se em escrever “vidas” (*bioi*). Em sua biografia de Alexandre o Grande, Plutarco faz uma distinção importante entre escrever história narrativa e escrever “vidas”, como ele mesmo estava fazendo. Nas “vidas” havia espaço para abordar tanto a esfera privada quanto a pública, para descrever a personalidade individual através de pequenas pistas, “algo pequeno como uma frase ou um chiste” (Plutarco certamente merecia um lugar no famoso estudo de Carlo Ginzburg sobre tais pistas). [...] Montaigne também enfatizou a afirmação de Plutarco de que gestos aparentemente banais oferecem pistas sobre a personalidade. (BURKE, 1997, p. 89-90).

Sem descredenciar os trabalhos de Plutarco e Montaigne, Philippe Lejeune observa que, na atualidade, o termo biografia pode ser empregado para nomear textos com distintos objetivos, sendo os mais comuns aqueles que versam sobre:

1) a história de um homem (em geral célebre) escrita por outrem (é o sentido antigo e mais comum); 2) a história de um homem (em geral obscuro) contada oralmente por ele próprio a outra pessoa que o levou a empreender essa narrativa para estudá-la (é o método

biográfico das ciências sociais); e 3) a história de um homem contada por ele próprio a outra ou outras pessoas que o ajudam, com sua escuta, a se orientar na vida (é a (auto) biografia feita no âmbito da formação). (LEJEUNE, 2014, p. 61-62).

Na citação acima, o termo “(auto) biografia” foi utilizado por Lejeune para se referir à vida de um indivíduo escrita por ele mesmo. Acepção que será ampliada pelo autor ao descrever as intrincadas tramas que amparam o *pacto autobiográfico*. Mais que um relato memorialístico ou confessional, a escrita autobiográfica se expressa por meio de “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou os seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele”. (LEJEUNE, 2014, p.53). Contrato este que, por sua vez, se expressa por meio de uma sinuosa rede de relações tecida entre o autor, o narrador e o personagem biográfico. Assim observado, o teórico francês postula que a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2014, p.16).

Ao converter vidas privadas em narrativas literárias, ensaios históricos ou textos de divulgação, as biografias e autobiografias tornam-se objetos de estudos e fontes documentais em distintas áreas do conhecimento, condição marcadamente vinculada, entre outros aspectos, aos fatos dessas obras se apresentarem como “locus privilegiado de construção da memória pessoal, local e nacional e, portanto, de experimentação (auto)biográfica”. (CARVALHO, 2008, p. 22).

No contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação elas são investigadas e apreendidas como fontes documentais voltadas à divulgação de informações primárias e/ou secundárias acerca do sujeito ou da instituição biografada.

As autobiografias e biografias são, pois, fontes informacionais que se subscrevem amparadas por outras fontes documentais que são analisadas e interpretadas por aqueles que objetivam narrar uma vida. Dessa forma, ao articularem um conjunto multidisciplinar de conhecimento as fontes biográficas se aproximam do gênero histórico-literário que as diferenciam “da simples informação biográfica sobre um indivíduo [data de nascimento e morte, por exemplo], em termos de conteúdo, finalidade e estilo”, (VIANNA; MARQUES JUNIOR, 2005, p.44), propiciando a apreensão e difusão de conhecimentos que transpõem em muito “informações

factuais sobre uma pessoa”. Atributos também acentuados por Maria da Conceição Carvalho (2008) ao esclarecer que:

Fonte de alimentação de outras fontes, a chamada fonte primária recusa o sentido pejorativo de elementar, rudimentar, para evocar o sentido de fonte primeira onde o sentido flui livremente, não está congelado, jorra continuamente novas configurações. É ponto primeiro mas, ao mesmo tempo, ponto relacional, lançando e deslocando explicações. Dito de outra maneira, o ponto relacional ou em relação sugere movimento à medida que possibilita a abertura explicativa de um texto final, ou de um objeto. Tal abertura possibilita, ao mesmo tempo, a explicação da própria fonte tornada texto (CAMPOS; CURY, 1997). Ou ainda, como Arlette Farge (1989, p.12), ao buscar o conteúdo semântico da expressão fonte, é possível recuperar a ideia de mergulho, por vezes de afogamento, de submersão em busca do ponto de origem, ponto primacial por excelência, aquele que antecede o primeiro. (CARVALHO, 2008, p. 23).

Nesses termos e em decorrência da natureza híbrida das fontes biográficas, além de informações sobre o ciclo vital do sujeito biografado, o leitor quase sempre se deparará com dados históricos e geográficos que dizem sobre uma época ou um lugar específico, formulações estéticas ou filosóficas que versam sobre a concepção de uma obra ou uma teoria, e, também, marcadores referentes a certas relações institucionais, culturais e pessoais fundamentais para se delinear os rumos tomados por determinada trajetória de vida.

Embora congregue tais potencialidades, é importante frisar que o usuário de uma fonte biográfica também possui papel ativo no processo de “filtragem” das informações por elas agenciadas, uma vez que cabe a eles, nos dizeres de Alberto Manguel (2017), “resgatar experiências, traduzir e reinterpretar informações, aprender fatos e julgar”²⁸.

Em face disso, como acontece com qualquer outra fonte de informação, o interesse pelas fontes biográficas se evidencia por meio de fatores de ordem tanto prática – descobrir datas ou clarear certos acontecimentos da vida daquele que foi biografado –, quanto a motivos mais personalistas como a curiosidade ou o apreço pela história de vida – amores, desavenças, grandes acontecimentos – de certa

²⁸ Alberto Manguel (2017), em outra parte de seu texto, ainda pontua: “dependendo do que se espera do texto, de sua identidade pactuada, leitor e escritor, têm diferentes deveres e expectativas. De acordo com a convenção, a ficção requer um conjunto de regras, a biografia outro, e gerações de leitores e escritores têm se empenhado em romper, solapar e renovar essas preconcepções básicas.

personalidade e até mesmo às condições históricas, políticas, culturais e institucionais que possibilitaram a formulação de uma nova teoria ou uma notável descoberta. Dito isso, demarcamos que as biografias e autobiografias são aqui classificadas como fontes de informação porque:

A informação sobre a vida das pessoas está relacionada a todas as áreas do desempenho humano e constitui demanda constante em todos os tipos de bibliotecas e centros de informação especializados. [...] A biografia pode servir como recurso para obtenção de informações as mais diversas possíveis, sobre um período histórico, uma nação, uma instituição etc. [...] Podem ser considerados dois grupos principais: as autobiografias e as biografias [...] Entretanto, as autobiografias propriamente ditas são o relato verdadeiro de revelações feitas por um indivíduo em determinado momento da sua trajetória. Diferenciam-se das memórias porque ao ultrapassarem o simples relato de acontecimentos significativos, traduzem a essência do pensamento de seu autor, [...] que pode ser permeada de omissões e/ou distorções feitas de forma consciente ou inconsciente. (VIANNA; MARQUES JUNIOR, 2005, p.43-45).

A esses aspectos devemos acrescentar os argumentos de François Dosse, segundo os quais o que realmente importa ter em vista quando se toma contato com um relato autobiográfico é:

Saber que lugar será conferido a essa escrita do eu, por muito tempo indiferenciada da escrita do outro. [...] O uso de memórias, confissões ou registros autobiográficos adotados de formas diversas nas biografias dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado. (DOSSE, 2015, p. 68).

Ao ostentar esse desejo de “restituição autêntica do passado” (DOSSE, 2015) ou a alcunha de “o relato verdadeiro de revelações feitas por um indivíduo em determinado momento da sua trajetória” (VIANNA; MARQUES JUNIOR, 2005), tais fontes asseveram a necessidade de se trabalhar eticamente com a memória do biografado, haja vista que, mesmo em sua dimensão literária, a escrita de uma vida exige

[...] daquele que a escreve um trabalho de investigação “apurado”, no que diz respeito à entrevista, [deve-se] “tomar nota, organizar a informação”, além de exigir do escritor ou jornalista o conhecimento e prática literária [...] “o que importa na biografia é a informação”. (VIANNA; MARQUES JUNIOR, 2005, p. 44).

Essa escrita exige também, como bem observou Philippe Lejeune (2014), que seja estabelecido por parte daquele que narra uma – ou a sua própria – vida um pacto autobiográfico, ou seja, um tipo de contrato de comunicação²⁹, que, conforme demonstrado por Carvalho (2008) se opõe ao pacto ficcional:

Desse modo, um autor que escreve um romance (mesmo que inspirado em sua própria vida) não espera que acreditem naquilo que ele narra, mas, simplesmente, que finjam acreditar. A autobiografia, ao contrário, promete como verdade aquilo que vai ser dito, ou, pelo menos, que ele, o autor, acredita ser verdadeiro. [...] Portanto, o autor da autobiografia se comporta como historiador ou jornalista, com a diferença que o sujeito sobre o qual ele se compromete a dar uma informação verdadeira é ele próprio. Contudo, se o leitor julgar que a autobiografia esconde ou altera parte da verdade, ele poderá pensar que o autor mente. Em compensação, não faz sentido dizer que o romancista mente, uma vez que ele não assume, em momento algum, o compromisso de dizer a verdade. Pode-se julgar se o que foi narrado é verossímil ou inverossímil, coerente ou incoerente, mas, tal julgamento escapa à distinção entre verdadeiro e falso. O resultado, para Lejeune, é que o texto biográfico pode ser legitimamente investigado, ainda que isso seja muito difícil na prática! Um texto (auto)biográfico implica a responsabilidade jurídica de seu autor, podendo ele ser acusado de difamação ou de atentado contra a vida privada, ainda que seu texto seja bem escrito, bem estruturado e possua a beleza de uma obra literária. (CARVALHO, 2008, p. 38).

Isso se estabelece porque, ao mesmo tempo em que recolhem e selecionam acontecimentos individuais e coletivos, relações políticas, econômicas, culturais e sociais, as biografias resgatam vidas, evidenciam falas, pontuam imagens e visões de mundo que, trazidas a público, além de ganharem evidência se mostram sujeitas a toda sorte de interpretações. Com isso:

A personagem biografada se acha, sem o saber, sob a luz dos holofotes. A unidade de sua vida enfrenta a pluralidade de olhares e apreciações das testemunhas de sua existência e do que sucedeu depois de sua morte. Entre a unidade biográfica e a pluralidade de sua recepção, o gênero biográfico evolui em meio ao entrelaçamento e pulverização infinita das facetas, que nem por isso deve desembocar na desconstrução total do sujeito. (DOSSE, 2015. p. 68).

Assim sendo, preconiza-se nas abordagens contemporâneas da biografia um trabalho consistente e cuidadoso de cunho interpretativo e a consolidação de

²⁹ Referência ao conceito desenvolvido pelo linguista francês Patrick Charaudeau (1996), para quem nossas práticas comunicativas pressupõem um conjunto de condições às quais incidem sobre a estruturação e realização das narrativas que emergem dessas práticas interacionais.

conhecimentos interdisciplinares, o que exige do pesquisador/biógrafo maior atenção ao lidar com a massa de informações por ele coletada. Diretivas que se tornaram ainda mais complexas nos dias atuais, sobretudo em decorrência das inovações tecnológicas e do apagamento, no mundo digital, de importantes vestígios biográficos como rascunhos, manuscritos, anotações pessoais, diários eletrônicos, entre outros. Um comentário esclarecedor acerca dessa questão nos é oferecido por Walter Isaacson, biógrafo de Leonardo da Vinci, que logo na abertura de sua narrativa pontua:

Meu ponto de partida para este livro não foram as obras-primas de Leonardo da Vinci, mas seus cadernos. O papel acabou se mostrando uma fantástica tecnologia de armazenamento de informações, ainda acessível após quinhentos anos, algo que nossos tuítes provavelmente não serão. Para mim, sua mente está revelada de forma mais clara nas mais de 7.200 páginas contendo anotações e rascunhos que, milagrosamente, sobreviveram até hoje. [...] Seus cadernos são o maior registro da curiosidade já produzido [...]. (ISAACSON, 2017, p. 22).

Não sem razão, defendemos que, enquanto fonte de informações diversas, uma narrativa biográfica preconiza intenso trabalho de pesquisa e profundo mergulho nas particularidades do ambiente onde viveu o biografado. Curiosidades à parte, Leonardo da Vinci buscava coisas a fazer e novos aprendizados, apesar de ir pouco à escola, “outros itens o mostram procurando incessantemente por pessoas com quem pudesse aprender”, (ISAACSON, 2017, p. 23)³⁰. Com isso depreendemos que por meio dos fatos, relatos e cenas entrelaçados por uma fonte biográfica nos tornamos capazes de conhecer melhor o percurso de uma vida e, também, de compreender mais claramente os detalhes acionados, em outros contextos espaço temporais, para caracterizar dado sujeito como extraordinário e a sua obra como expressão da genialidade humana.

Nesse sentido, torna-se evidente que muitos biógrafos projetam suas obras aproximando uma vida de outras narrativas biográficas. Citemos um exemplo: Walter Isaacson abre sua biografia de Da Vinci pontuando que “Benjamin Franklin “era um

³⁰ [...] Mal sabia ler em latim ou fazer uma conta de divisão. Sua genialidade era do tipo que somos capazes de entender, do tipo que tiramos lições. Baseava-se em habilidades que podemos almejar desenvolver, como a curiosidade e a observação incansável. Ele tinha uma imaginação tão fértil que chegava a flertar com os limites da fantasia, o que é algo que podemos tentar preservar em nós mesmos e incentivar em nossos filhos. [...] Talento sem imaginação é estéril. Leonardo sabia como unir observação e imaginação, o que fez dele o inventor mais completo da história. (ISAACSON, 2017. p. 22).

Leonardo de sua época”³¹, Albert Einstein tocava violino e evocava Mozart, quando ficava empacado com a teoria da relatividade” e Steve Jobs tinha Leonardo como seu herói” (ISAACSON, 2017, p. 21). Por meio dessa justaposição de relatos vivenciais, Isaacson reforça nosso argumento de que as informações produzidas, organizadas e disseminadas pelas fontes biográficas revelam-se como produtos aferidos a partir de intenso processo de pesquisa, razão pela qual servem de referência para a realização de outros trabalhos investigativos. Transpondo a esfera acadêmica, esses mesmos indícios esclarecem o grande interesse histórico, por parte do público em geral, pelos relatos biográficos, sejam eles de pessoas notáveis ou de homens e mulheres anônimas.

No que tange às escritas de si, os literatos geralmente prezam por compor seus relatos memorialísticos como se estivessem escrevendo mais um de seus livros. No mundo das letras, muitos são tímidos ou enigmáticos. Clarice Lispector, em um manuscrito não publicado, revelou: “tem muita coisa que eu queria contar, mas não posso. Vai ser muito difícil alguém escrever minha biografia, se escreverem”³² (MOSER, 2011, p. 55). Apesar desse comentário, a escritora foi tão reverenciada por sua obra e por sua conduta pessoal, marcadamente enigmática, que acabou por tornar-se tema (objeto) de muitas pesquisas biográficas.

Mesmo que algumas pessoas, em sua maioria intelectuais, políticos, celebridades e outras *personas públicas* não escrevam suas autobiografias, é comum algumas delas contratarem um especialista e destinarem a eles a tarefa de organizarem suas memórias. Dentre tais profissionais, é possível dizermos que os historiadores e jornalistas ocupam um lugar de destaque na arte de biografar. Ocupam esse lugar, mas não são os únicos, dado que, conforme já ressaltamos

³¹ [...] Sem educação formal, aprendeu sozinho a se tornar o polímata criativo que foi o melhor cientista, inventor, diplomata, escritor e estrategista comercial do Iluminismo norte-americano. Ele demonstrou, empinando uma pipa, que raios contêm eletricidade, e inventou um bastão capaz de armazená-los. Criou as lentes bifocais, instrumentos musicais fascinantes, lareiras menos poluentes, estudos sobre a corrente do Golfo e o peculiar humor popular dos Estados Unidos. (ISAACSON, 2017, p. 21).

³² Embora Clarice não os tenha fornecido por conta própria, embora tenha tentado reescrever a história dessas origens, o fato é que sobrevivem registros que descrevem a vida da família na Ucrânia. Os mais importantes foram deixados por Elisa Lispector, sua irmã mais velha: um manuscrito datilografado e inédito chamado *Retratos antigos* e um romance, *No exílio*, publicado em 1948, contando em termos ligeiramente velados a história da emigração da família. (MOSER, 2011, p. 35). De acordo com o autor, Tânia Lispector Kaufmann, também irmã de Clarice e Elisa, “afirmava que o livro é ‘uns oitenta e cinco por cento verdadeiro’. Sua cronologia e os lugares pelos quais ele descreve a passagem da família são todos rastreáveis em outras fontes, [...], sua maior preocupação parece ser fornecer um registro do sofrimento de sua família”. (MOSER, 2011, p. 658).

anteriormente, o gênero biográfico alcançou acentuado sucesso editorial em muitos momentos de nossa história recente.

Contudo produzir uma biografia não é tarefa para pesquisadores desavisados. Isso porque, conforme nos lembra mais uma vez Carvalho (2008), um sujeito que assume um projeto biográfico:

[...] pode se envolver com seu objeto de análise de formas antes impensáveis pela postura mais objetiva da pesquisa tradicional. A valorização da região de sombra que se instala nos intervalos e interstícios da vida e da obra do escritor [e de tantos outros personagens biografáveis], contrapõe-se ao uso disciplinado das fontes em busca da, assim chamada, verdade documentalmente comprovada do biografado. (CARVALHO 2008, p. 24 – em colchetes nosso).

Talvez por essa razão, como vimos acima, ao biografar Leonardo da Vinci, Isaacson não se ocupou apenas em justapor fatos e enumerar acontecimentos que em seu conjunto descreveriam a vida do polímata renascentista. Mais que isso, ao estudar longamente as mais de 7.200 páginas que compõem seus cadernos de anotações o biógrafo acabou por estabelecer uma conexão entre o “pensar e o existir” de Leonardo, alcançando, assim, nos dizeres de François Dosse (2015, p. 364) “uma unidade entre o racional e o existencial”.

Modalidade de compreensão que nos serve de argumento para afirmarmos uma vez mais que as fontes biográficas, além de congregarem em torno de si inúmeros outros conceitos, cujos principais são informação e memória, suprem, enquanto obras de referência, às necessidades informacionais de sujeitos vinculados a uma multiplicidade de áreas do conhecimento, daí podermos falar em biografia musical, biografia artística, biografia política e biografia intelectual.

A despeito disso, e em decorrência de estarmos demarcando os atributos que outorgam às biografias o status de fontes de informação, torna-se relevante estabelecermos aqui, mesmo que pontualmente, uma reflexão sobre as biografias não autorizadas. Para tanto, levantamos a seguinte questão: essas obras, por não serem autorizadas, podem ser visualizadas como portadoras de fatos e informações verdadeiras e confiáveis?

Responder a essa questão implica considerarmos que, de modo geral, pessoas públicas acabam por se envolver com outros sujeitos e situações às vezes tão públicos quanto elas mesmas. Dessa forma, é comum vermos biografias serem

contestadas por terem sido escritas sem o consentimento do biografado ou de seus parentes próximos. Nesse caso, a fim de avaliar se as informações trazidas a público por essas obras são verdadeiras e consistentes, cabe ao usuário buscar outras fontes que comprovem ou neguem a veracidade ou não do que está sendo relatado.

Em decorrência disso, reforçamos nosso argumento segundo o qual a autenticidade dos documentos consultados e a veracidade das informações que fornecem configuram-se como elementos que devem ser considerados quando o que se deseja é demarcar o potencial informativo dessas obras. De forma complementar, podemos apontar que as biografias e autobiografias são, também, fontes memorialísticas que dizem tanto do biografado quanto dos distintos contextos – sociais, políticos, históricos, culturais, institucionais, intelectuais, etc. – em que o mesmo se insere.

Sendo assim, e para além das discussões histórico-conceituais até aqui efetivadas, nossa pesquisa, visando validar as considerações acima formuladas, toma por objeto analítico os escritos autobiográficos de Edson Nery da Fonseca conferindo especial atenção à sua participação ativa no campo da Biblioteconomia brasileira, associando a isso o fato de Edson Nery ter sido um intelectual, um estudioso sempre em contato com outras personalidades da cultura e da esfera política do país.

4. CAPÍTULO 3

O que deixamos de fazer na vida: um estudo da autobiografia de Edson Nery da Fonseca (06/12/1921 – 22/06/2014)

*“O homem é feliz quando realiza as suas
habilidades e desenvolve as suas
potencialidades”³³.*

³³ Para Aristóteles, o equilíbrio é a fonte do bem viver e o homem é feliz quando realiza as suas habilidades e desenvolve as suas potencialidades: justo, sensato e sábio. (ARISTÓTELES, *Ética à Nicômaco*, p.11 *apud* GAARDER, 1995, p. 131).

A vida de Edson Nery da Fonseca converge em muitos pontos com a história da biblioteconomia brasileira, isso se deve ao fato dele ter sido um dos pioneiros do campo no país. Além de atuar no ensino e em inúmeras instâncias políticas relativas à área, Edson Nery escreveu importantes obras, entre as quais destacamos: “*A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial*”, “*Problemas Brasileiros de Documentação*” e “*Introdução à Biblioteconomia*”. Para além da profissão de bibliotecário, fez várias incursões ao mundo das letras, escrevendo sobre a poesia de Manuel Bandeira e produzindo importante fortuna crítica sobre a obra de Gilberto Freyre. Foi, também, bibliógrafo, presidente da Associação Brasileira de Bibliotecário, diretor do Departamento de Bibliografia do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e consultor da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Por tudo isso, é certo que Edson Nery da Fonseca “dispensa apresentações”, no entanto, essa contextualização prévia serve para tornar mais claro um dos objetivos desta pesquisa, qual seja: assinalar, por meio de alguns marcadores biográficos, que Edson Nery da Fonseca pode ser definido como um dos “artífices da biblioteconomia nacional”. Ao longo das páginas que se seguem essa proposição poderá ser negada ou comprovada, entre outros, por meio da análise de sua autobiografia e, também, pelo cotejamento de estudos produzidos no campo da “Biografia Intelectual”.

Nesses termos e em consonância com os outros objetivos da dissertação, ressaltamos que essa pesquisa pode ser caracterizada como um experimento de análise de cunho qualitativo, uma vez que os dados interpretados e discutidos derivam, em ampla medida, dos escritos autobiográficos de Edson Nery da Fonseca. Ademais, foram esses mesmos escritos que nos forneceram certos marcadores narrativos – trajetória pessoal, formação intelectual, atividades profissionais, relações políticas e produção teórica – a partir dos quais pudemos melhor qualificar as biografias e autobiografias como fontes de informação e memória.

De forma correlata, a leitura hermenêutica dos textos autobiográficos de Edson Nery da Fonseca nos forneceu os indícios necessários para compreendermos os principais elementos que dão forma àquilo que Philippe Lejeune definiu como “pacto autobiográfico”, ou seja, o “engajamento do autor em contar diretamente sua vida (uma parte, ou um aspecto de sua vida) em um espírito de verdade”. (LEJEUNE, 2008, p.31). Daí, decorre o fato das indagações formuladas em torno de sua “biografia intelectual” convergirem em elementos reveladores da atuação de Edson Nery nos

campos da cultura e da Biblioteconomia nacional, tanto como teórico, quanto como agente político.

Elementos que ganham ainda mais destaque quando são conjugados aos depoimentos de personalidades que conviveram diretamente com o sujeito de nossas análises, como foi o caso de Gilberto Freyre, Álvaro Lins, José Lins do Rêgo, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Antônio Agenor Briquet de Lemos, Antônio Houaiss, entre outros. Por várias vezes eles falaram publicamente sobre o homem, o mestre, o bibliógrafo, o professor, o intelectual e o profissional atuante na biblioteconomia e nas malhas da literatura nacional. Para muitos deles Edson Nery foi um mestre inovador que fundou o Curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, introduziu técnicas modernas de organização de bibliotecas e efetivou um novo conceito de biblioteca universitária, fruto de um trabalho integrado e participativo de muitos envolvidos, conforme informa Motta (2001. p. 71). Essa contextualização nos ajuda a estruturarmos, nas páginas que se seguem, um panorama da biografia intelectual do sujeito Edson Nery da Fonseca.

Contudo, é preciso deixar claro aqui que a intenção dessa pesquisa não foi “biografar” o bibliotecário pernambucano, mas, antes, reforçar por meio dos seus escritos (auto)biográficos os indícios que qualificam as biografias como fontes de informação e memória tendo-se em vista traçar, a partir dessa produção, um panorama histórico do desenvolvimento da Biblioteconomia enquanto campo de conhecimento no Brasil.

Essa explicação serve para justificarmos porque as análises abaixo apresentadas incidiram, essencialmente, sobre 3 (três) obras específicas: ***Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocação***; ***Introdução à Biblioteconomia*** (ambas de Edson Nery da Fonseca) e a coletânea ***Interpretações de Edson Nery da Fonseca***, organizada por Antônio Motta e Gilda Maria Whitaker Verri.

Publicada em 2009, a obra autobiográfica “Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocação” tem como eixo central de sua narrativa a proposição de relatar mais aquilo que o seu autor havia *deixado de fazer na vida* que propriamente efetuar um balanço de suas conquistas pessoais ou de demarcar suas contribuições em distintos campos do conhecimento, especialmente a Biblioteconomia. Tendo isso por prerrogativa, consideramos que essas lacunas existenciais são tão significativas para se esboçar uma “autoimagem” desse narrador quanto suas realizações pessoais,

profissionais e intelectuais. Modalidade de apreensão que encontra respaldo nos estudos de François Dosse (2015), para quem:

Hoje, o que se exprime com essa nova paixão biográfica não é a figura do mesmo, a da História *magistrae vitae*, do culto da vida exemplar, mas uma nova preocupação pelo estudo da singularidade e uma atenção particular aos fenômenos emergentes que são considerados como objetos próprios para pensar graças à sua complexidade e à impossibilidade de reduzi-los a esquemas mecânicos. (DOSSE, 2015, p. 406).

É certo, portanto, que esse estudo conferiu evidência a um sujeito específico, destacando informações relacionadas à sua história de vida, seus feitos e idiossincrasias, contudo, em paralelo a isso, se preocupou em evidenciar, também, os atributos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e documentos de memória que transpõem os relatos pessoais ao clarear o jogo de poderes, as correntes ideológicas, os sistemas de pensamento e todas as contingências políticas, históricas, sociais e culturais que marcam determinado sujeito – no caso aqui, Edson Nery da Fonseca – e sua época.

Naquilo que concerne às análises e à apresentação dos resultados, o presente capítulo foi subdividido em duas seções. A primeira sistematiza as *Memórias* que Edson Nery evoca em sua autobiografia, razão pela qual segue as mesmas demarcações do autor: depoimentos sobre os tempos de juventude e maturidade; as escolhas que o conduziram à Biblioteconomia e à docência universitária. A segunda seção, por sua vez, enfoca a coletânea *Interpretações de Edson Nery da Fonseca* e o livro “Introdução à Biblioteconomia”. Ao fim desse percurso, retomamos as discussões concernentes aos atributos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memória.

Dito isso, comecemos por dar voz ao sujeito cujo relato biográfico constitui-se em nosso objeto de estudo, evidenciando os principais pontos (acontecimentos e personagens) elencados por ele como essenciais para narrar a si próprio e os rumos tomados por sua história de vida.

4.1 MEMÓRIAS E EVOCAÇÕES: “O que deixamos de fazer na vida”

Tendo-se em vista demarcar os principais aspectos que fazem dos recursos biográficos importantes fontes de informação e memória buscamos destacar, a partir de suas narrativas autobiográficas, a participação de Edson Nery da Fonseca no contexto da Biblioteconomia brasileira e, de forma mais genérica, no contexto político-cultural do país. A princípio nos intrigou o fato de uma pessoa “tão habilidosa e bem relacionada” declarar publicamente que havia “deixado de fazer algumas coisas importantes na vida”. Entretanto, a maneira como esse relato foi estruturado, acabou por revelar o imbricamento entre suas ações singulares e as ações socializadas, tornadas públicas, por meio de sua atividade intelectual. Isso confirmou as proposições de François Dosse (2015) segundo as quais uma biografia intelectual se faz através da razão e existência dos “*muitos Edsons*”, o discursivo e o pragmático, e também aquele que dizia “ter medo de falar sobre si mesmo” (SIMÕES, 2001, p. 223). Levar em consideração esses aspectos nos permitiu apreender as muitas confluências que entrelaçam a dimensão do vivido e a elaboração de sua obra.

Em face disso nos indagamos: seria possível apreendermos a partir de um relato autobiográfico como se deu a constituição e a consolidação da Biblioteconomia enquanto campo de conhecimento no Brasil? Seria viável ampliarmos nossa compreensão sobre a sociedade na qual viveu Edson Nery por meio da escrita de sua vida? Conforme se verá abaixo, a dimensão hermenêutica dos estudos biográficos nos ensina que embora circunscritas a um sujeito específico, as biografias mobilizam um conjunto de elementos que lançam luzes sobre distintos modos de percepção de uma vida: o cunho existencial, o histórico, o político, o social, entre outros cuja assimilação acaba por dizer muito acerca de uma época, uma sociedade, uma instituição, uma teoria ou escola de pensamento.

Não é, pois, sem razão que em seus relatos Edson Nery assume ser um sujeito “introspectivo e solitário”, definindo-se como um “hedonista e monástico”, um ser “místico e sensual” que gostava de “vestir-se bem, de perfume francês e de uísque escocês”. Profissionalmente quis se ocupar de outros ofícios antes de ser bibliotecário, em muitos momentos viu-se como um monge ou um advogado.

Além dos vestígios documentais e informacionais produzidos e documentados a partir de sua participação na vida pública, a história de Edson Nery

pode ser conhecida, em amplos aspectos, por meio de sua autobiografia. Em muitos trechos dessa narrativa delinea-se a figura de um intelectual produtivo e reflexivo “com nítida preocupação teórica e metodológica” com os rumos que a biblioteconomia brasileira estava tomando, alcançando “notoriedade e legitimidade por parte da crítica especializada” (MOTTA, 2001, p. 236).

A essa notoriedade contrapõe-se uma inquietude pessoal várias vezes enunciada pelo próprio autor: “do que deixei de fazer, só uma coisa me dói até hoje: não ter ingressado no Mosteiro de São Bento. [...] Ser oblato beneditino é, para mim, uma espécie de prêmio de consolação” (FONSECA, 2009, p. 16). Por meio dessa confissão Edson Nery assinala o conflito entre uma vontade e a determinação externa, entre a angústia e intenção espiritual. Condição explicitada, também, pelo apreço que Edson Nery demonstrou ao longo de toda vida por pensadores como Gabriel Marcel³⁴, Soren Kierkegaard³⁵ e Miguel de Unamuno³⁶, filósofos do existencialismo cristão. No contexto de sua história pessoal, a leitura desses autores o orientou na busca de uma religiosidade perdida, ratificando sua opção por tornar-se um “existencialista cristão” (FONSECA, 2009, p. 35) voltado para a espiritualidade e aprimoramento de seu pensamento.

Por suas várias contribuições e interesses diversos Edson Nery da Fonseca tornou-se um intelectual difícil de ser classificado – um pensador *multifacetado* nas palavras de Antônio Motta (2001, p. 234). A despeito disso, o que se faz evidente é que a conjuntura da vida e obra do bibliotecário se constrói como o “resultado de flutuações e variações de uma personalidade complexa, irrequieta e plural” (MOTTA, 2001, p. 235). Sua produção vai muito além dos estudos biblioteconômicos, porque “muito de sua alma se deixa entrever na poesia que se destila das crônicas. Um tom confessional, um tom de intimidade que é como o outro lado dessa inteligência.” (HOLANDA, 2001, p. 177-178). Condição que nos leva a compreender porque adotou a intuição ao racionalismo, bebendo nos escritos filosóficos de Platão e Aristóteles, Santo Agostinho e Tomás de Aquino, Pascal e Descartes (FONSECA, 2009, p. 36), mas também na literatura de Baudelaire, Mallarmé, Joyce, Garcia Lorca, Marcel Proust e Virgínia Woolf, autores que imprimiram uma aguçada subjetividade em sua escrita biográfica.

³⁴ Journal Métaphisique.

³⁵ O Desespero Humano.

³⁶ A Agonia do Cristianismo.

4.1.1 OS INTERLÚDIOS DA VIDA PROFISSIONAL: de bibliotecário no Recife, até o palácio do planalto e finalmente o seu retorno à Pernambuco

Edson Nery se mostrou, desde cedo, interessado pela literatura. Prova disso é que já em 1942, ano em que prestou vestibular para Direito, dissertou sobre a obra de Victor Hugo. Se mais tarde o curso não o agradaria, o contato com o autor de *Os Miseráveis*, a quem Edson Nery considerava uma “grande alma”³⁷, se manteria por toda a vida. Além de admirador da obra de Victor Hugo, nutriu profunda amizade com Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo, Murilo Mendes, Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, com quem estagiou na Fundação Getúlio Vargas.

O Exército frustrou talvez o seu maior objetivo de vida: tornar-se monge. Embora isso tenha lhe causado grande desilusão³⁸, fez nascer em si o desejo de ser professor, uma vez que já ensinava os colegas de quartel a ler e escrever. Entre 1943 e 1945 serviu como soldado, tendo sido promovido ao fim da guerra a segundo tenente e licenciado.

A carreira de crítico literário teve início em janeiro de 1942, ano em que publicou seus primeiros artigos no *Jornal do Comércio* do Recife e no *Diário do Pernambuco*, além das Revistas *A Ordem*, do Rio de Janeiro; *Região e Estudantes*, ambas do Recife e na revista *Quixote*, de Porto Alegre. Nessa última publicou o artigo “Alguns aspectos da Poesia de Carlos Drummond de Andrade”, que lhe rendeu elogios do poeta. Em 1950 publicou o artigo “Um Poeta Puro”, sobre João Cabral de Melo Neto, a partir do qual alcançou o primeiro lugar em concurso de crítica literária. Depois disso a verve de crítico literário passou a ocupar um lugar secundário em suas atividades intelectuais, posto ter passado a priorizar o ensino de Biblioteconomia.

Dito isso, em seu conjunto, todas essas informações nos auxiliam a ressaltar as potencialidades de sua autobiografia como fonte primária de informação, notadamente de informações que traçam o perfil de sua formação intelectual e como Edson Nery da Fonseca se aproxima da Biblioteconomia, tornando-se, posteriormente e como veremos abaixo, “uma das maiores autoridades mundiais em assuntos de biblioteconomia” (NEGREIROS, 2001, p. 225).

³⁷ O testamento do poeta lhe chamou a atenção: “Deixo cinquenta mil francos para os pobres [...] Creio em Deus” (FONSECA, 2009, p. 22).

³⁸ Sem saber o que fazer na vida, experimentou “um nihilismo decente” e depois tornou-se um existencialista cristão. (VERRI, 2009, p. 35).

4.1.2 A BIBLIOTECONOMIA: “Abandonei a crítica literária para dedicar-me à formação de bibliotecários”

Não havia bibliotecários no Recife em 1941. Naquela época estadia de Edson Nery da Fonseca na Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo (DEPT) da Prefeitura do Recife e, posteriormente, no Departamento de Documentação e Cultura (DDC) possibilitou a ele a oportunidade de estudar no Curso da Biblioteca Nacional³⁹. Uma bolsa de estudos lhe foi concedida por Lydia de Queiroz Sambaqui, do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Naquele momento os Cursos da Biblioteca Nacional funcionavam no porão de um edifício da Cinelândia. Ao concluir o Curso Fundamental de Biblioteconomia, formou-se, também, no Curso Superior de Biblioteconomia. Em seguida, foi aconselhado por Rubens Borba de Moraes a se especializar nos Estados Unidos, porém, Edson Nery optou por estagiar na biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, cujo chefe era Otto Maria Carpeaux, com quem aprendeu, segundo seus relatos “sobre filosofia e teologia”. Seu trabalho na Fundação era técnico: classificação e catalogação, funções às quais conciliava com a colaboração a Carpeaux “no preparo de sua Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, publicada em 1949”, (FONSECA, 2009, p.52).

Doravante, prosseguiu com os estudos e foi morar em Copacabana. Por princípios pessoais, ia à missa no Mosteiro de São Bento todos os domingos. Lá conheceu o poeta Murilo Mendes, sendo convidado por ele a integrar um grupo de

³⁹ O primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil foi criado pelo Decreto n. 8.835, de 11/07/1911. Iniciou suas atividades em abril de 1915 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo como diretor Manuel Cícero Peregrino Silva. O programa deste curso pioneiro se inspirava no modelo francês (École de Chartres), dando ênfase ao aspecto cultural e informativo. Em 1929 o “Mackenzie College”, hoje Universidade Mackenzie, de São Paulo, criou um Curso de Biblioteconomia inspirado no modelo norte-americano, que enfatizava os aspectos técnicos da profissão. A Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, em 1936, criou um Curso de Biblioteconomia, no âmbito do Departamento de Cultura, onde destacamos a participação do professor Rubens Borba de Moraes. Em 1940 esse curso foi incorporado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde funciona até hoje. Em 1942, surgiu a Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFBA, fundada pela Professora Bernadete Sinay Neves, que não era bibliotecária, mas engenheira civil. Em 1945 foi criada a Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP, por um grupo de bibliotecários paulistas. Em 1947 surge a Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFRS, e em 1950 surgiu o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFPR, pelo esforço de alguns bibliotecários do Paraná e a Escola de Biblioteconomia da UFMG, cuja fundadora foi Dona Etelvina Lima. Em 1954 foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, na cidade do Recife. Fonte: <https://bsf.org.br/2009/02/08/historia-da-biblioteconomia/>

amigos que ouviam “Bach e Mozart em religioso silêncio” (FONSECA, 2009, p. 54). Sobre os anos que morou no Rio de Janeiro, de 1946 ao início de 1948, relata que:

[...] Nas manhãs de sábado, eu alugava uma bicicleta e pedalava pela Avenida Niemeyer até a praia de São Conrado. Tomava inesquecíveis banhos de mar naquela praia então deserta e com ondas perigosamente gigantescas que faziam grande estrondo na arrebatção. [...] os anos passados no Rio de Janeiro foram tanto de estudos, pesquisas e proveitosos contatos como também de inesquecíveis fins de semana que me fizeram amar a bela e acolhedora terra carioca, onde podia-se andar tranquilamente a qualquer hora do dia ou da noite, sem os perigos de hoje. (FONSECA, 2009, p. 55).

O retorno ao Recife e ao Departamento de Documentação e Cultura (DDC) foi, de acordo com o próprio Edson Nery “um compromisso moral”. No Recife atuou primeiramente como assistente de José César Rêgo Costa. Ali fez os contatos iniciais para a criação de uma biblioteca popular e colaborou com *O Praieiro*, um jornalzinho fundado por José César por meio do qual divulgava informações históricas e dava conselhos práticos referentes ao modo de vida pernambucano. Um dos casos de maior repercussão publicados nesse jornal relata como um poema de Carlos Drummond de Andrade impediu uma pessoa de cometer suicídio.

A primeira experiência profissional de Edson Nery como docente se deu em 1948 quando assumiu, por intermédio de José César, a coordenação do primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste e também as disciplinas Bibliografia e Referência, Catalogação e Classificação. Nesse primeiro a disciplina “*documentação*”⁴⁰ amedrontava, segundo as palavras de Edson Nery, “a Biblioteconomia e a bibliografia tradicionais” (FONSECA, 2009, p. 57). De acordo com Edson Nery, ele e a amiga Maria Luísa Monteiro da Cunha, então diretora da Biblioteca Central da USP, travaram “acaloradas discussões por causa do seu preconceito contra a então emergente documentação, que intimidava alguns bibliotecários” (FONSECA, 2010, p. 36). A partir de então, Edson Nery se tornou um grande defensor da “reforma dos currículos de biblioteconomia, no sentido da formação de bibliotecários especializados nessa área”. (BELTRÃO, 2001, p.44).

⁴⁰ O objetivo da nova disciplina era “a recuperação da informação contida em documentos até então desprezados pelas antigas bibliotecas, mas de grande interesse para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, como os artigos de revistas, os relatórios de pesquisas, as comunicações apresentadas em congressos, as patentes industriais etc.”. (FONSECA, 2009, p. 58).

Motivada com o sucesso do Departamento de Documentação e Cultura, a recém-criada Universidade do Recife providenciou uma modernização de suas bibliotecas. Convidado a participar desse movimento, Edson Nery da Fonseca tornou-se diretor da Biblioteca da Faculdade de Direito. Esta instituição deveria, por sua vez, ser projetada para refletir “o seu caráter humanista e necessitava de conservação [bem como] atualização, processamentos técnicos e utilização do acervo, [...]. Os funcionários eram, em sua maior parte preguiçosos e despreparados”. (FONSECA, 2009, p. 60-61). As reformas promovidas por Edson Nery foram elogiadas por eruditos e até mesmo fora do Brasil.

No ano de 1951 Edson Nery da Fonseca foi demitido da Universidade. Com o dinheiro recebido pela indenização viajou aos Estados Unidos pela primeira vez. Ao retornar, quatro instituições⁴¹ ofereceram-lhe emprego. Ao optar por ingressar no Instituto Nacional do Livro (INL), acabou sendo encarregado de inspecionar o recebimento de doações de livros e oferecer o curso intensivo de biblioteconomia em Alagoas. Posteriormente, assumiu a reforma da Biblioteca Pública e do Arquivo Estadual em João Pessoa, responsabilizando-se, ainda, por ministrar dois cursos intensivos de biblioteconomia patrocinados e certificados pelo Instituto Nacional do Livro. Após os cursos, e percebendo que nada de novo aconteceria, decidiu voltar para o Rio de Janeiro.

A vida no Rio de Janeiro a partir de 1954 “permitiu a Fonseca buscar oportunidade de trabalho e melhores condições financeiras” (VERRI, 2019, p.12). Trabalhou fazendo fichas impressas no Serviço de Intercâmbio de Catalogação que funcionava no DASP e foi eleito presidente da Associação Brasileira de Bibliotecários, filiando-se à Federação Internacional das Associações de bibliotecários. Ainda em 1954 a *documentação* começava a ganhar espaço no contexto da formação dos bibliotecários. Isso se deu de forma mais efetiva a partir do momento em que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) passou a incentivar a prática dos serviços mecanizados e automatizados da informação. Edson Nery da Fonseca foi, então, indicado para a Biblioteca Pública da

⁴¹ A Biblioteca da Organização dos Estados Americanos; O Governo do Estado do Paraná para ser professor do Curso de Biblioteconomia e chefe do serviço de catalogação da Biblioteca Pública Estadual; O Instituto Nacional do Livro (INL), no qual já tinha uma passagem e, também, o Governo do Estado da Paraíba.

Bahia recebendo a missão de inventariar jornais antigos, o que foi feito no mesmo ano.

Em Salvador, ao se hospedar no Centro Regional de Pesquisas Educacionais⁴², Edson Nery conheceu o teórico Anísio Teixeira (1900-1971) e tornaram-se grandes amigos. Para o bibliotecário pernambucano, a convivência com Anísio Teixeira “foi salutar e de aprendizados” (FONSECA, 2010, p. 37). Em face disso, possível se afirmar que do relacionamento entre os dois foram fomentadas novas possibilidades para a educação brasileira, especialmente no que tange à preocupação com o movimento de democratização da educação e das bibliotecas públicas em todo o país.

Após o fim de sua estada na capital baiana, Edson Nery foi nomeado, a convite de Lydia de Queiroz Sambaquy, então presidenta do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD – 1954-1975), diretor do Serviço de Bibliografia. Já no cargo, participou ativamente do Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizado em julho de 1954 na cidade de Recife. Ao retornar para o Rio de Janeiro, concorreu ao concurso de bibliotecário do Serviço Público Federal do DASP, sendo aprovado em primeiro lugar. Em 1956 foi nomeado bibliotecário da Câmara dos Deputados e o seu livro *Introdução à Biblioteconomia* foi dedicado à Biblioteca e à Universidade de Brasília, como homenagem às alegrias vivenciadas naquelas duas instituições.

Durante os anos de 1954 e 1960, Edson Nery da Fonseca se ocupou de muitas atividades, entre as quais destacam-se: presidir uma Comissão de Documentação; ser nomeado pelo MEC para um projeto de modernização do ensino de biblioteconomia e, também, para a organização da biblioteca do Palácio da Alvorada, atuando ativamente em prol do seu tombamento, classificação e catalogação. Além disso, não devemos nos esquecer que as primeiras bibliografias brasileiras foram organizadas por Edson Nery em conjunto com Laura Maia de Figueiredo ainda nesse período.

Outro marco importante na biografia do bibliotecário pernambucano está ligado à Universidade de Brasília, criada em abril de 1962. A convite de Darcy Ribeiro, ministro da Educação do Governo de João Goulart, Edson Nery tornou-se professor nessa Universidade naquele mesmo ano. Além de lecionar, o bibliotecário foi

⁴² “Os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais formavam uma rede planejada por Anísio para diversificar a educação brasileira, prejudicada pelos excessos centralizadores da metrópole”. (FONSECA, 2009, p. 75).

encarregado de organizar as bibliotecas do novo campus. Sobre isso Edson Nery diz ter ficado feliz com o fato de dirigir a Biblioteca Central e de ter formado “um bom corpo de docentes para o curso de biblioteconomia” (FONSECA, 2009, p.98). Relata, ainda, ter introduzido duas disciplinas no currículo do curso: *Introdução à Biblioteconomia* e *Bibliografia Brasileira*, a última “entendida como conhecimento de obras de referência, grandes tratados e instituições dedicadas a assuntos brasileiros” (FONSECA, 2009, p. 98)

Em termos políticos o cenário do país se mostrava marcado pela truculência militar nos ambientes educacionais. Tanto é assim que Edson Nery enfoca em sua autobiografia os desdobramentos do Golpe de 1964 e suas consequências no Campus da UnB, tendo a universidade sido cerceada momentos e aspectos. Em um trecho de sua narrativa ele relembra que:

O comandante do Batalhão da Guarda Presidencial passou a mandar na UNB. Era tão neuroticamente anticomunista que interpretava o logotipo da universidade – desenhado por Aloísio Magalhães com base no traço inicial de Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília – como esboço da foice e do martelo da Internacional Comunista. [Por isso] os militares afastaram Anísio Teixeira. (FONSECA, 2009, p. 99-100).

Nos anos seguintes a situação política e social do país seria ainda mais recrudescida. Dessa maneira o clima de revolta tornou-se visível no *campus* e isso afetou diretamente Edson Nery que se negou a denunciar os estudantes “comunistas”. Como consequência direta da ditadura os responsáveis pela UnB optaram por manter só uma biblioteca de seu sistema em funcionamento.

Como decorrência de tudo isso, em 1970, Edson Nery da Fonseca retornou a Pernambuco por meio de um contrato mantido com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), cujo objetivo seria o desenvolvimento de uma consultoria para implementar um edifício destinado à Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo por modelo a Biblioteca da UNB. No entanto, concretização do projeto foi realizada por meio de outra pessoa, gente de confiança do governo militar, que obteve os recursos financeiros necessários.

Em 1971 um enfarte deixou Edson Nery hospitalizado por um mês. Esse acontecimento foi tratado pelo bibliotecário como “uma advertência benéfica, porque eu, dois meses antes de completar cinquenta anos, estava com todos os ingredientes

da lesão: estresse, fumo, vida sedentária e excesso de peso.” (FONSECA, 2009, p. 110). A recuperação da saúde e o retorno às atividades transcorreram normalmente.

Nos anos de 1977 e 1978 Edson Nery foi trabalhar na Guiné-Bissau como contratado pela Unesco. Experiência que, em seus relatos, não é descrita de modo agradável, chegando ele a confessar que acabou por fracassar em sua missão posto não haver naquele lugar “estatísticas que permitissem o planejamento de um sistema de bibliotecas como desejavam os utopistas da Unesco” (FONSECA, 2009, p. 125).

Em 1981, após ter ocupado cargos profissionais de pouco destaque como administrador na Superintendência do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, Edson Nery retoma um desejo adormecido no tempo, qual seja: o de se tornar noviço, anseio que deixou registro em seu diário no dia 20 de outubro. Contudo, a resposta de Dom Basílio, abade olindense, repercutiu a sua indecisão e inconstância das vontades humanas, ao reportar que se fosse jovem o consideraria apto para a vida monástica e o receberia, porém, aos sessenta anos isso seria algo muito penoso “sem as mordomias a que já estava habituado e teria de perder no mosteiro: automóvel, livros, discos, perfume francês e uísque escocês”, e continuou: “prefiro recebê-lo como oblato”, residindo próximo ao mosteiro (FONSECA, 2009, p. 117).

Em janeiro de 1987 Edson Nery pediu dispensa da Fundação Joaquim Nabuco e retornou à UnB para tomar posse novamente do cargo de docente no departamento de Biblioteconomia. Em abril daquele mesmo ano visitou Gilberto Freyre, amigo de longa data que se encontrava doente, vitimado por um derrame cerebral cuja consequência foi a perda da voz. Ainda em abril, a Fundação Gilberto Freyre foi criada e em maio o conselho diretor da Fundação se sentiu mobilizado a inaugurar um Instituto de Tropicologia. Edson Nery mostrou-se contrário à ideia porque viu que a experiência não dera certo na Fundação Joaquim Nabuco. Gilberto Freyre morreria em 18/07/1987 e Edson Nery não conseguiu ir ao sepultamento no Recife.

O trabalho no Palácio do Planalto se deu a partir de janeiro de 1987 quando foi convidado a integrar uma equipe de arquivistas, bibliotecários e museólogos centrada em levar adiante o projeto *Memória dos Presidentes da República*. Em 1988 foi criada uma Comissão Especial para Levantamento, preservação e organização do acervo privado documental dos Presidentes da República. Tratava-se de um “serviço público relevante” (FONSECA, 2009, p.131), cuja função era de confiança. Além desse,

participou também de outro projeto, o do “Conjunto Cultural de Brasília” cujo objetivo era evitar a duplicação dos serviços documentais e biblioteconômicos.

Durante o governo Collor, Edson Nery obteve da UnB uma licença sabática, benefício que o mobilizou a regressar a Olinda e que lhe permitiu se dedicar a outros projetos entre os quais a redação do livro *Introdução à Biblioteconomia*. Nesse livro, o bibliotecário, reunindo uma série de documentos, intenciona propor uma filosofia para a Biblioteconomia no Brasil. Atentando para isso, Antonio Houaiss refere-se na introdução da obra à prática bibliotecária de Edson Nery da Fonseca valendo-se dos seguintes termos:

Como a de um *bibliósofo* que chegaria a uma bibliosofia íntegra, de pés na terra – já que sabe de polpas de papel, de tintas, de caracteres, de composições, de manchas e ilustrações, de encadernações, de preservação, de restauração, de armazenamento, de locais, de condicionamentos ambientais – e de olhos no céu – já que busca para cada livro sua mensagem, seu conteúdo formativo, informativo, recreativo, lúdico, sua adequação etária, seu curso de honra, sua inserção na história: de permeio, entre os pés e os céus, quer, com o coração, que os livros sejam objetos amáveis, como cimentos e tijolos de humanização. [...] (HOUAISS, 2007, p. xi).

O termo *bibliósofo* foi utilizado por Antônio Houaiss para se referir a um ‘bibliotecário filósofo’, ou seja, a um bibliotecário dotado de “grande” sabedoria que foi capaz de levar adiante uma vida pautada pela busca por conhecimento em conjunção à prática docente na Biblioteconomia. Houaiss usa esse termo, também, para refletir acerca da fragmentação do saber e da postura adotada por profissionais super especialistas que perdem com o reducionismo do conhecimento, deixando de descortinar as contribuições que o saber holístico pode trazer para o exercício de seu ofício. De fato, quando atentarmos para as atribuições concernentes à prática profissional dos bibliotecários, entendemos que suas ações transpõem uma dimensão meramente técnica, posto ser a Biblioteconomia um saber racional que pressupõe a apreensão de conhecimentos de distintas naturezas tendo-se em vista executar tudo aquilo que se esperam dos bibliotecários nos variados contextos nos quais suas ações são requeridas e socialmente validadas.

Não por acaso na obra *Introdução à Biblioteconomia*, Edson Nery postula que o *livro*, a *biblioteca*, o *leitor* e a *leitura* são, em conjunto, os principais eixos de integração da “biblioteconomia no quadro geral dos conhecimentos” (FONSECA, 2007, p.2). A partir disso, propõe, então, que a formação dos bibliotecários integrasse

de forma equânime conhecimentos humanos e de natureza técnica. Daí sua defesa em prol da alocação da disciplina *Introdução à Biblioteconomia* nos currículos mínimos da área, argumentando que sua ausência nos cursos acabaria por gerar graduandos “com visão fragmentária” (FONSECA, 2007, p. 2) da área e de suas possibilidades de atuação.

Edson Nery foi aposentado compulsoriamente pela Universidade de Brasília em 1991, posto ter completado 70 anos. 7 anos mais tarde viria a ganhar um “novo coração” após se submeter a uma cirurgia de revascularização do miocárdio. Sobre essa cirurgia declarou: “devemos manifestar nossa gratidão quando submetidos a cirurgias invasivas em que seja possível experimentar um “novo coração” (FONSECA, 2009, p. 135).

Em 1999 Edson Nery foi designado pela Fundação Gilberto Freyre para trabalhar com o cineasta Nelson Pereira dos Santos que estava encarregado de preparar um documentário sobre o sociólogo pernambucano para o Canal GNT. Vinculado a isso, viajou a Nova York para filmar os lugares onde Freyre tinha estudado entre os anos de 1920 e 1922, entre esses lugares incluía-se o *campus* da Universidade de Colúmbia.

Por suas contribuições, Edson Nery da Fonseca recebeu como parte das comemorações de seus oitenta anos uma homenagem em forma de publicação intitulada “*Interpretação de Edson Nery da Fonseca*”, tendo como organizadores Antonio Motta e Gilda Verri. Nessa obra, Briquet de Lemos, que conheceu Edson Nery no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizado em 1967, escreve um capítulo no qual afirma que “suas páginas são o que melhor já se escreveu no Brasil sobre o trabalho bibliográfico e sobre os bibliógrafos” (LEMOS, 2001, p. 99)⁴³.

Além de Briquet de Lemos inúmeros outros colaboradores reverenciaram o homenageado destacando ora sua capacidade em propor soluções para os problemas de documentação gerados pela “explosão bibliográfica”, seu

⁴³ Como professor, coube-lhe, naquela linha de imersão na realidade brasileira, a prioridade de criar a disciplina Bibliografia Brasileira, que era ministrada por ele ou por Rubens Borba de Moraes. [...] Em seu papel de orientador e promotor de atividades bibliográficas, me propôs desenvolver um projeto de pesquisa que poderia ser uma bibliografia analítica sobre o cerrado. Aceitei. [...] Essa bibliografia, a primeira de uma série temática organizada pela Embrapa, foi publicada por essa empresa em 1976. [...] Edson estimulou e capacitou inúmeros estudantes para que se envolvessem com o trabalho bibliográfico. [...] Destacou o Catálogo da exposição de História do Brasil, de Ramiz Galvão. [...] Além de sua atuação prática como bibliógrafo, Edson, nestes seus merecidos e profícuos oitenta anos de vida, tem sido alguém que, sem esmorecimento, soube pensar e problematizar a questão do controle bibliográfico. (LEMOS, 2001, p. 99-100).

profissionalismo, suas contribuições no âmbito do ensino da Biblioteconomia e sua marcante atuação política em diversos momentos do país, ora sua personalidade, atributos intelectuais, bem como seu espírito combativo e reservado.

Esses textos configuram-se como um acervo multifacetado de depoimentos que, em ampla medida, nos permite apreender inúmeros pontos de interconexão entre a história de vida de Edson Nery da Fonseca e os rumos tomados pela Biblioteconomia brasileira no século XX, notadamente em termos dos elementos definidores da missão do bibliotecário, quais sejam: promover o conhecimento valendo-se de saberes técnicos e humanísticos, manter-se atualizado, integrar as ciências e as técnicas em sua rotina e aproximar-se dos leitores em geral.

Esse era, certamente, o entendimento de Cordélia Robalinho Cavalcanti (2001, p.65-66) que evocou em seu depoimento dois adjetivos para definir Edson Nery: “precisão e concisão”. Ao explicar porque recorreu a esses termos, ela demarca que com o seu idealismo Edson Nery dedicou-se à profissão, construiu uma biblioteca pulsante para os alunos e profissionais, deu cursos e palestras em várias cidades brasileiras, divulgou técnicas e processos da Documentação, editou bibliografias com perfeição, escreveu biografias, livros, artigos, discursos entre outros. Por tudo isso seria um dos mais fecundos representantes “da biblioteconomia, da bibliografia, da documentação e da recensão crítica especializada no Brasil” (CAVALCANTI, 2001, p.68).

Após uma vida longa e tendo constituído uma carreira sólida, a travessia terrena de Edson Nery da Fonseca chegou ao fim em 22 de junho de 2014 em consequência de vários problemas de saúde⁴⁴. Seguindo um desejo várias vezes mencionado em depoimentos, foi sepultado no Cemitério dos Ingleses. Segundo ele, era ali que gostaria de ficar “à espera da Ressureição da Carne de que fala nosso Credo” (FONSECA, 2009, p. 169).

Ao fim desse percurso biográfico visualizamos que o vínculo entre o homem e seus valores (de fé, políticas, culturais e profissionais) nos revela não um, mas muitos “Edsons”, cujo legado ainda vive, se faz presente na cultura e na Biblioteconomia brasileira. De forma paralela, as lacunas “biográficas” identificadas pelo próprio Edson Nery da Fonseca em seus escritos aponta para a dimensão do inacabamento do tempo do mundo, da incompletude de uma vida, das idiosincrasias que atravessam

⁴⁴ <https://www.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/3958-morre-edson-nerly-da-fonseca>. Acesso em 19 out 2020.

uma vida sonhada e uma vida vivida. Eis aqui alguns outros atributos informacionais que as fontes biográficas nos permitem apreender. Tecemos mais algumas considerações acerca dessas potencialidades na seção abaixo.

4.2 ATRIBUTOS INFORMACIONAIS E DE MEMÓRIA DAS FONTES BIOGRÁFICAS

Tendo por referência os relatos autobiográficos de Edson Nery da Fonseca, essa seção retoma e sintetiza os principais atributos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memória. As fontes biográficas são concebidas racionalmente como arquivos compostos por histórias individuais e sociais, que se apresentam como verdadeiras, seja por meio dos testemunhos orais ou fontes escritas. Tais fontes são oriundas de um envolvimento entre as ciências, o que pressupõe a veracidade das fontes. Para mais, essas fontes podem ser cruzadas com outras informações, há casos de uma autobiografia ser reescrita e as biografias encontram autores diversos para o mesmo sujeito.

Dito isso e adotando por premissa que as narrativas autobiográficas pressupõem um “compromisso com a verdade”, dado se apresentarem como relatos sem intermediários, os escritos de Edson Nery se apresentam a nós como memórias de uma época, como fontes primárias nas quais podemos consultar certos dados, fatos ou acontecimentos concernentes à história de Pernambuco, do Brasil e da própria Biblioteconomia brasileira.

Ao escrever sobre suas vivências e também sobre sua trajetória profissional, Edson Nery da Fonseca parece se “libertar” de suas angústias no auge de sua maturidade existencial. Suas memórias nos oferecem uma versão acerca de alguns projetos abandonados, deixa clara sua vocação literária e científica, bem como sobre algumas situações limites vivenciadas como bibliotecário. Nesses termos, um dos atributos dessas fontes é, certamente, seu valor de referencialidade.

Essa referencialidade nos serve como indicativo de que as fontes biográficas se enquadram na categoria de fontes de informação porque sua elaboração envolve o trabalho de coleta, organização, sistematização e difusão de dados, informações e conhecimentos de natureza geral e particular que dizem muito do sujeito biografado, mas também de seu tempo e de suas relações sociais.

Outro aspecto que não deve ser negligenciado quanto tratamos as biografias como fontes de informação e memória é o fato delas estarem, no geral, assentadas em profundo exercício de pesquisa, o qual pode ser ampliado na exata medida em que se alarga o acesso a outras fontes informacionais e que se estreita o diálogo, as conexões com outras ciências e agentes de memória. Portanto, não é raro nos depararmos com escritos biográficos que além de “descreveram uma vida”, efetuam longas e consistentes digressões sobre a originalidade do pensamento de um autor, a importância de sua obra para determinada área do conhecimento ou mesmo acerca dos diferentes agentes que o impulsionaram a chegar até determinada resposta ou resultado. Além disso, a depender da profundidade desse trabalho investigativo, novas fontes e documentos podem ser localizados, o que evidencia que nenhum relato biográfico é completo em si mesmo, podendo, pois, ser reescrito, alterado e/ou refutado.

Nesses termos, ao evidenciar a história individual e social de um sujeito, o trabalho histórico, técnico e interpretativo que confere forma e profundidade às fontes biográficas justifica a sua apreensão como fontes de informação que orientam pesquisas centradas em relevantes informações agregadas pelo próprio autor ou agenciadas por um especialista a partir de rigoroso trabalho de pesquisa.

Dito isso, esta pesquisa, que tem por objeto de estudo a narrativa autobiografia de Edson Nery da Fonseca, demonstrou como um relato testemunhal fornece informações as mais diversas: sobre crenças, relações pessoais, profissionais e políticas, se portanto, pois, como uma espécie de arquivo pessoal daquele que rememora suas histórias e experiências de vida. Não é, pois, sem razão que Edson Nery da Fonseca relembra em muitos trechos de sua tessitura biográfica o relacionamento mantido com amigos e familiares, assim como experiências vividas em lugares dotados de sentido como o Mosteiro de São Bento e o Rio de Janeiro.

Paralelamente, a conjunção entre biografia e História urdida nos escritos autobiográficos de Edson Nery da Fonseca nos deu a conhecer a História da Biblioteconomia Brasileira e, por extensão, te outros acontecimentos marcantes da cultura e da historiografia do país. Com isso demonstramos que devido ao fato de toda vida estar localizada em um tempo e em espaços históricos específicos, os relatos autobiográficos e as biografias transpõem a dimensão interpessoal para falarem além das histórias de seus autores e sujeitos biografados. Todavia, é importante buscar

compreender a intenção do autor, passar sua obra em revista quando for necessário e se atentar para o alcance das informações em relação ao contexto dos leitores.

Em face disso, ao evoluirmos na leitura de “*Vão-se os dias e eu fico*”, acabamos por aprender mais sobre a história do Brasil e sobre a história da Biblioteconomia brasileira, entendemos melhor como se deu a fundação da Universidade de Brasília e como a ditadura militar brasileira buscou intervir nessa e em outras instituições do gênero, também fica mais clara a importância de nomes como Gilberto Freyre, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Ariano Suassuna, Otto Maria Carpeaux, Lydia Sambaqui, e Rubens Borba de Moraes (só para citarmos alguns) para a cultura brasileira.

Urdindo tudo isso há uma paixão manifesta pelas bibliotecas, pela Biblioteconomia e pelo Brasil. Disso apreendemos que mesmo evocadas de forma pessoal, essas memórias se mesclam a informações de ordem histórica, política e social estruturando em torno de vivências e impressões intersubjetivas outros referentes de conhecimento e indícios informacionais que são coletivamente compartilhados.

Sendo assim, além de organizarem um amplo conjunto de informações e documentos que nem sempre estão à disposição do grande público, as biografias e autobiografias também são capazes de suscitar novos trabalhos de pesquisa, tornando mais claras – uma vez que lidam com a densidade social, histórica e intersubjetiva de memórias e vivências singulares – as contingências de uma vida e as especificidades do tempo e do espaço no qual ela transcorre e ganha sentido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento histórico aqui realizado demonstrou a longa duração do gênero biográfico. Concomitantemente, ao assinalar as rupturas epistemológicas inscritas em seus processos evolutivos, tornou mais claro, também, sua importância enquanto fonte de informação e memória para as ciências humanas e sociais, a literatura e os estudos informacionais. Não foi sem razão, pois, que essa dissertação tenha objetivado identificar o conjunto de atributos que fazem das biografias e autobiografias fontes de informação e memórias.

Observado uma proliferação de narrativas biográficas na contemporaneidade, vislumbramos a dificuldade de demarcar suas fronteiras. Em função disso foi preciso destacar o tratamento multidisciplinar que lhe é conferido pelos mais variados campos do conhecimento. Certamente esse caráter multidisciplinar tem correlação com o material e os métodos evocados e requeridos em sua elaboração.

No âmbito dos estudos informacionais, especialmente na Biblioteconomia, essas narrativas são classificadas como fontes de informação primárias, ou seja, como documentos que difundem informações primárias ou originais – no caso das autobiografias – ou como fontes secundárias – no caso das biografias – cujo valor documental dá a ver o trabalho denso de pesquisa levado a cabo por profissionais que investigam e coletam informações em diários, cartas, memórias, rascunhos e originais de certas obras ou em entrevistas e depoimentos concedidos tanto pelo sujeito biografado quanto por quem com ele travou contato.

Ao ser coligido e organizado, esse conhecimento informa àqueles que recorrem a essas obras, conforme assinalado no capítulo 01 dessa dissertação, sobre as circunstâncias históricas, políticas, culturais e sociais de uma época, tanto quanto sobre as singularidades de uma vida privada, seja ela de pessoas comuns ou daqueles que se tornaram “heróis nacionais” ou, ainda, modelos de virtude. Isso se tornou evidente no capítulo 03 quando nos propusemos a apresentar e analisar o relato autobiográfico de Edson Nery da Fonseca: “*Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações*”. Narrada em primeira pessoa, a obra em questão apresenta aos leitores o homem Edson Nery, sua trajetória de vida, relações familiares e de amizade, suas experiências públicas e algumas de fórum mais íntimo, desejos realizados e

frustrações, tanto quanto enuncia momentos e agentes políticos importantes para a edificação da Biblioteconomia enquanto campo de conhecimento no Brasil.

Nesses termos, em relação à sua “biografia intelectual”, fica claro que se por um lado sua história singular é traçada como uma confissão existencial, por outro, sua trajetória profissional é descrita como o reflexo de contingências políticas e de contatos pessoais com nomes expressivos da cultura brasileira: Rubens Borba de Moraes, Lydia Sambaqui, Eunice Robalinho, Anísio Teixeira, Álvaro Lins, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Aurélio Buarque de Holanda, entre outros.

Ao fim desse percurso penso ser pertinente reiterar que não era nossa intenção elaborar uma biografia de Edson Nery da Fonseca, mas, antes, identificar em seus escritos (auto)biográficos certos indícios por meio dos quais pudéssemos demonstrar que as fontes biográficas são, também, fontes de informação e de memória. Nessa busca, além de aprendermos sobre a vida de Edson Nery – sua infância, relações familiares, lugares em que viveu, suas pretensões e frustrações – também travamos contato com uma narrativa que testemunha momentos importantes do país e que revela muita coisa pouco publicada sobre a história da Biblioteconomia brasileira.

Dito isso e a título de convite, desejo que todo aquele que recorrer às fontes biográficas exercite sua leitura crítica a fim de conhecer tanto histórias singulares quanto o modo como essas vidas se imbricam no tempo histórico. Ao fazer isso, certamente esse leitor poderá tirar proveito dos muitos saberes que as experiências humanas são capazes de nos oferecer.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. *Dicionário biográfico: a organização de um saber*. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/qt-20/qt01-12> . Acesso em 20 nov. 2020

AGOSTINHO, Santo. O homem e o tempo. In: _____. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Capítulo XI. p. 309-340. (Os Pensadores).

ARANHA, Maria Lúcia de A.; MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Unesp, 2014.

BELTRÃO, Luiz. Problemas de comunicação da informação científica. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.

BERND, Zilá. Figuras na sombra: personagens de Luiz Antonio de Assis habitando a distância e o esquecimento. In: BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p.77-92

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço: 2013.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-98, jul. 1997. ISSN 2178-1494. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>. Acesso em: 06 Maio 2018.

CAMPELLO; CENDÓN; KREMER KREMER, (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. *Introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CAPURRO, Rafael & Bieger HJORLAND. O conceito de informação. *Perspect. ciênc. inf.* vol.12 no.1 Belo Horizonte Jan./Apr. 2007. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100012.

Acesso em 24 nov. 2020.

CARVALHO, Maria da Conceição. *Cordialmente, Eduardo Frieiro*: fragmentos (auto) biográficos. 2008. 366f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Escritor e bibliotecário. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.

CEIA, Carlos. *Dicionário de termos literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hagiografia/>. Acesso em 21 mar 2019

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996, p.5-44.

COSTA, Luciano Bedin da. *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller*. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27673>. Acesso em 23 nov 2020.

GROGAN, Denis. *A prática do serviço de referência*. Brasília: Brique de Lemos, 2001. Disponível em <https://www.doccity.com/pt/a-pratica-do-servico-de-referencia-denis-grogan/4868758/>. Acesso em 24 nov. 2020.

CUNHA, Murilo Bastos. Recensão. *Ci. Inf.* vol.38 n.2 Brasília May/Aug. 2009. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652009000200011 Acesso em 19 jun. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de O. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Brique de Lemos, 2008.

DOSSE, François. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira. Disponível https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200018. Acesso em 02 dez. 2017.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DOSSE, François. *Paul Ricouer: os sentidos de uma vida*. São Paulo: LiberArs, 2017.

FERREIRA, Sueli Mara Soares P. ; Neusa Dias de Macedo em três perspectivas: profissional, acadêmica e pessoal. In: MOSTAFA, Solange P.; SILVA, Márcia Regina da.; SANTARÉM SEGUNDO. (Orgs.). *Pensadores brasileiros da ciência da informação e biblioteconomia*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p.129-148.

FONSECA, Edson Nery. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

FONSECA, Edson Nery. *Alumbramentos e perplexidades: vivências bandeirianas*. São Paulo: Arx, 2002.

FONSECA, Edson Nery. *Estão todos dormindo*. Recife. CEPE, 2010.

FONSECA, Edson Nery. *Introdução à biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FONSECA, Edson Nery. *Problemas brasileiros de documentação*. Brasília: IBICT, 1988.

FONSECA, Edson Nery. *Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações*. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

FONSECA, Edson Nery. *Vida e obra do Professor Edson Nery Da Fonseca: Entrevista concedida a Antonio Miranda*. Série Diálogos UnBTV. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/6177>. Acesso em 06 dez. 2017.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia: Romance da história da filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GALLO, Max. *Victor Hugo: Tomo I (1802-1843) Eu sou uma força que avança!* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GAYFORD, Martin. *Michelangelo: uma vida épica*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Jaime. Prefácio. In: BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. (11-12)

DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. Revista Morpheus (Número especial: Por que memória social?). *Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, [S.l.], v. 9, n. 15, mar. 2016. ISSN 1676-2924. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475>. Acesso em 23 nov. 2020.

HARTOG, François. Entrevista concedida a Mariza Romero. *Rev. Bras. Hist.* vol.35 no.70 São Paulo July/Dec. 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882015000200281&script=sci_arttext Acesso em 17 mar 2019.

HOLANDA, Lourival. Entre o rigor e a paixão. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.

ISAACSON, Walter. *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 10ª ed. Belo Horizonte: Ática, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em 24 nov. 2020.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília/DF: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. *A História deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: UNESP, 2015.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LEJEUNE, Philippe. Entrevista concedida a Jovita Maria Gerheim Noronha. Disponível em < <https://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/Entrevista-com1.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2018.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

- LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. O bibliógrafo. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.
- LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. *História da historiografia* • Ouro Preto • número 9 • agosto • 2012 • 26-37.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- NEGREIROS, Sanderson. A busca da perfeição. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.
- MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017.
- MARDER, Herbert. *Virginia Woolf: a medida da vida*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MOLLOY, Sylvia. *À vista: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.
- MONTALVÃO, Sérgio. *Biografia intelectual como exercício de escrita da história*. Disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/45/65> Acesso em 06 dez 2017.
- MONTEIRO, Ciro Athayde Barros e ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. *O Intelectual orgânico como mediador da informação: algumas considerações acerca de um diálogo possível*. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/24748> . Acesso em 19 out 2019.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MOSTAFA, Solange Puntel; SILVA, Márcia Regina da; SANTARÉM SEGUNDO, José Eduardo. In: *Pensadores brasileiros da ciência da informação e biblioteconomia*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
- MOTTA, Antonio. E N F, A obra por vir. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. (Orgs.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete S; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MUNDO BIBLIOTECÁRIO BLOG. Disponível em <https://mundobibliotecario.com.br/tag/edson-nerly-da-fonseca/> Acesso em 28 jun. de 2018.

OLIVEIRA, Eliane Braga. *O conceito de memória na Ciência da Informação*. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2010. Disponível em https://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/04/pdf_9e7d8c4235_0015690.pdf).

Acesso em 13 de janeiro de 2018

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

PEETERS, Benoît. *Derrida: biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PEREIRA, Robson Mendonça; MAGALHÃES, Sônia Maria. *Registros privados de uma vida pública: o diário íntimo de Altino Arantes*. Disponível em Artigo - DOI - <https://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027007> Acesso em 15 nov 2019.

PINHEIRO, L. V. R. *Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual*. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/8809/4716>. Acesso em: 24 nov. 2020.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da Biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SACKS, Oliver. *Gratidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia: uma biografia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SARTRE, Jean Paul. *O idiota da família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. V.1. Porto Alegre/RS: L&PM, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p.49-70.

- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *O método biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a psicologia*. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10745/8437>. Acesso em 24 nov. 2020.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Biografia como gênero e problema*. Disponível em Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em 13 de janeiro de 2019.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. *Biografias: construção e reconstrução da memória*. Disponível em: *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 151-166, jul./dez. 2009.
- SIMÕES, Alessandra. Liturgia da memória. In: VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. (Orgs.). O Recife: Bagaço, 2001.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- SUGAHARA, Cibele Roberta; JANNUZZI, Paulo de Martino. *Estudo do uso de fontes de informação para inovação tecnológica na indústria brasileira*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a06v34n1.pdf>. Acesso em 24 nov. 2020.
- VERRY, Gilda Maria W. *Bibliografia de bibliografias: a contribuição de Edson Nery da Fonseca*. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92465> . Acesso em 28 fev. 2021.
- VERRI, Gilda Maria W.; MOTTA, Antônio. *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*. Recife: Bagaço, 2001.
- VIANNA, Márcia e MARQUES Jr. Alaor. Fontes biográficas. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. (Orgs.). *Introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 43-51.
- VOGAS, Ellen Cristine Monteiro. *Estratégias e possibilidades dos arquivos pessoais frente aos novos usos dos documentos arquivísticos: o arquivo Darcy Ribeiro*. Niterói, 2011. Acesso em 22 set. 2016.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.